

REVISTA

BDSM LOVERS

ANO 1 | NÚMERO 3 | MAIO 2014



BDSM A TRES

O que dizem os que já tiveram essa experiência. Conheça diferentes pontos de vista sobre este polêmico assunto

LEI DA MASMORRA

Nesta edição, saiba mais sobre o BDSM aos olhos da lei

PALAVRA DE PSICOLOGO

DSM: Conheça as recentes alterações sobre Desordens Parafílicas e suas consequências para a compreensão de BDSM

SPOTLIGHT

Nesta edição, veja as belíssimas imagens de IsisdoJun!

MUNDO GOR

Conheça um pouco mais sobre a vida de John Norman, o criador das Crônicas de GOR

E MAIS

Respire fundo! A última parte da matéria sobre Máscaras de Gás e Asfixia por GasMask

A nobreza da servidão por Dom Jupiter

A história do Shibari, Bondage e Kimbaku por Lord Bondage

O Fetiche da Farda por Sargento Carrasco

A Relação 24/7 no olhar de Karla Doles

ENTREVISTA

Conheça o empresário e praticante ACM, criador do site Bound Brazil, conhecido internacionalmente.



EDITORIAL

A Revista BDSM Lovers nasceu com a proposta de ser um espaço voltado ao crescente público BDSM e fetichista no Brasil, no qual o respeito pelos diferentes fetiches e fantasias viesse em primeiro lugar.

Nossa equipe de redatores e colunistas são das mais diversas vertentes. Contamos com a colaboração de Dominadores, Dommies, submissas, switchers, libertinos, fetichistas e muito mais, além de contarmos com profissionais da área do Direito e Psicologia, sem os quais esse projeto não poderia ter jamais sido realizado.

Na edição passada, alcançamos a marca de 9.000 acessos.

Agradecemos nossos leitores pela repercussão surpreendente das duas primeiras edições.

Nesta terceira edição, a revista segue cumprindo seu objetivo de levar aos interessados diferentes pontos de vista, convidando todos à reflexão e à diversão. BDSM é, para nós, prazer. Um prazer que pode adquirir diferentes formatos e independe do tempo de experiência e das escolhas pessoais de cada praticante.

Boa leitura!
E até a próxima edição!

SENHOR ÁSGARD

Editor Chefe
SENHOR ÁSGARD

Redatores
Sargento Carrasco
Lord Bondage
bella_femme
Cris_Verdugo
tavi

Colunistas
Dom Júpiter
Dr. Mauricio A. de Almeida
Sargento Carrasco
SENHOR VERDUGO
GasMask
Valentinna
Mestra Karla Doles
koira{MM}

Revisão Ortográfica
tavi
SENHOR ÁSGARD

Diagramação
Cardeal
SENHOR ÁSGARD

FIQUE POR DENTRO

Acompanhe tudo sobre a BDSM Lovers e fique por dentro dos eventos e novidades da rede social que está mudando o cenário do BDSM nacional.



facebook.com/bdsmlovers



twitter.com/BDSM_Lovers

Dúvidas e reclamações:
revista@bdsmlovers.com.br

A BDSM Lovers é uma rede social 100% brasileira

A ideia nasceu da necessidade de termos um local para interação no qual o respeito ao indivíduo, seus desejos e fantasias viesse em primeiro lugar.

Além disso a BDSM Lovers:

- É uma rede social 100% brasileira
- Tem seus links, menus, opções de acesso e interações automáticas em Português
- Foi desenvolvida por pessoas comprometidas com o BDSM
- É pautada no respeito pelo indivíduo, seus fetiches e fantasias
- Possui um chat dinâmico, onde é possível conversar com um usuário ou em grupo, usando as salas de chat
- Possui uma ferramenta de blog bem completa, permitindo ao usuário criar textos com imagens e sons

Para saber mais, visite-nos em
www.bdsmlovers.com.br

NOSSOS REDATORES

tavi de ÁSGARD 33 anos

Posição: masoquista/kajira
Tempo como praticante: 9 anos

Profissão: Professora, formada em letras: Inglês, pela PUC-SP, cursando Psicologia
Principais ações no meio: Primeiro site exclusivamente dedicado a GOR no Brasil (www.gorbrasil.com.br), organização dos eventos fetichistas da BDSM Lovers



Lord Bondage 47 anos

Posição: Top/Shibarista
Tempo como praticante: 12 anos
Técnica BDSM que domina: Shibari, Kinbaku, Agulhas, Velas, Spanking

Profissão: Administrador de Empresas; Professor Universitário
Formação acadêmica: Pós Graduação
Principais ações no meio: Artigos, cursos e palestras sobre shibari; Blog voltado à cultura BDSM e shibarista



Sargento Carrasco 41 anos

Posição: Master
Tempo como praticante: 4 anos
Técnica BDSM que domina: spanking, cutting, needle, bondage

Profissão: policial
Principais ações no meio: blog temático (sargentocarrasco.blogspot.com).



Cris VERDUGO 46 Anos

Posição: Domme / Fetichista / Sadomasoquista
Tempo como praticante: 9 anos
Técnica BDSM que domina: Autassassinophilia, Branding, Erotophonophilia, Facesitting, Fist, Tafefilia, Breathplay, Máscaras / Blades / Whips / Blood play / Bondage

Profissão: Empresaria e Consultora em Negócios Internacionais.
Formação acadêmica: Doutora em Negócios Internacionais.
Principais ações no meio: Administradora da área de relacionamentos (My Dark Life / Classificados), redatora e consultora no Portal SENHOR VERDUGO



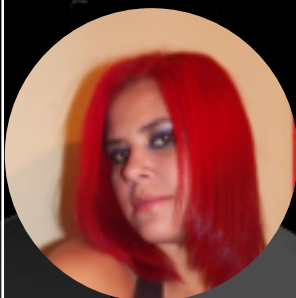
bella_femme 24 anos

Posição: submissa
Tempo como praticante: 03 anos
Técnica BDSM que domina: Agulhas e Blood Play

Profissão: Bacharela em Direito
Principais ações no meio: Extinta Página no Recanto das Letras para a Divulgação do Estilo de vida BDSMISTA para não BDSMERS, moderação de grupos, Extinta moderação de chat.



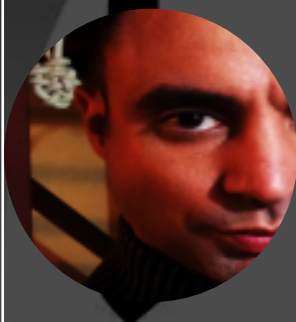
NOSSOS COLUNISTAS



koira{MM}
27anos

Posição: kajira
Tempo como praticante: 3 anos

Profissão: Professora, atualmente cursando ensino superior.



Dom Júpiter
33 anos

Posição: Dom/Top
Tempo como praticante: 6 anos.
Técnica BDSM que domina: Bondage, Dominação Psicológica, humilhação erótica, Adestramento Pet, spank, açoites.

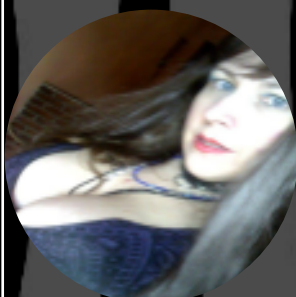
Profissão: Policial
Formação acadêmica: Bacharelado em Direito, extensões em Criminologia analítica, e Segurança Pública.
Principais ações no meio: Participação de encontros e eventos em BH e RS; Participação em Portais BDSM como o Portal do SENHOR VERDUGO, artigos na Revista Kinky 101, redes sociais BDSM Lovers e Fetlife.



GasMask
29 Anos

Posição: Switch / Fetichista
Tempo como praticante: ~8 Anos
Técnica BDSM que domina: Breathplay, Máscaras de Gás, SCUBA.

Profissão: Analista de Sistemas, formado em Tecnologia com Ênfase em Administração
Principais ações no meio: Blog Voltado a Cultura BDSM, Criação de Concepts para a comunidade BDSM, Produção videográfica em conjunto com LeFetich Produções, Palestras, entre outros...



Mestra Karla Doles
37 anos

Posição: Dominadora Sádica
Tempo como praticante: 18 anos
Técnica BDSM que domina: Feminização, inversão, bondage, spanking, blood play, medical play, age play, velas, pet play, chuvas, podolatria, dominação psicológica, castidade forçada, CBT e outros.

Profissão: Consultora literária / Dramaturga / Cosmetologista

NOSSOS COLUNISTAS

Maurício Amaral de Almeida 49 anos

Profissão: Psicólogo formado pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, cursando atualmente a Especialização em Terapia Cognitiva. Graduado em Física pela Universidade de São Paulo, Mestrado pela Universidade de São Paulo e na Fachhochschule Karlsruhe, Alemanha, e Doutorado pela Universidade de São Paulo, no Centre de Recherche

Informatique de Montreal e na University of Ottawa.

Principais ações acadêmicas: Aplicações clínicas da Terapia Cognitiva com adultos e casais, nas questões ligadas a sexualidade humana e nos relacionamentos afetivos, nos estudos sobre o fetichismo e nas diversas formas de sexualidade alternativa.

Principais ações profissionais: Atua como psicólogo clínico na abordagem da Terapia Cognitiva Beckiana



SENHOR VERDUGO 55 anos

Posição: TOP

Tempo como praticante: 15

Técnica BDSM que domina: Suturas, spanking, asfixia, eletroestimulação, bondage, mumificação, escarificação, chicotes, lâminas...

Profissão: Administrador

Formação acadêmica: Adm. Empresas

Principais ações no meio: Fui sócio proprietário do Clube Dominna e mantenho o Portal SENHOR VERDUGO desde 2007



Valentinna 39 anos

Posição: sadomasoquista

Tempo como praticante: 3 anos e meio

Técnica BDSM que domina: nenhuma... sempre aprendendo!

Profissão: Bancária

Formação acadêmica: Marketing

Principais ações no meio: Criação de grupos de debates, criação de eventos.



Você gostaria de ter seus produtos
ou sua loja anunciados
em nossa revista?

Venha falar conosco
e traga sua marca!

Envie um e-mail para
revista@bdsmlovers.com.br
e saiba como anunciar

SUMÁRIO



BDSM A TRES

18

O que dizem os que já tiveram essa experiência. Conheça diferentes pontos de vista sobre este polêmico assunto.



ENTREVISTA

12

Conheça o empresário e praticante ACM, criador do site Bound Brazil, conhecido internacionalmente.



LEI DA MASMORRA

32

Nesta edição, saiba mais sobre o BDSM aos olhos da lei.

SUMARIO

Cantinho da Assistente	10
Agenda Devassa	16

COLUNAS

Caos Ordenado - Sargento Carrasco	22
Porta de Entrada - Valentinna	24
Dicas de Cultura - SENHOR VERDUGO	26
Luas de Júpiter - Dom Jupiter	28
Palavra de Psicólogo - Dr. Mauricio A. de Almeida	30
Memórias de uma Menina Má - Karla Dóles	31

PRATICAS E FETICHES

Uniformes	34
Sentimentos e Impressões - Lord Bondage	36
Breath Play - GasMask	40
Cilício - Cris_Verdugo	44
Mundo GOR - tavi	48
Contos do Leitor - Karla {K@}	50
SpotLight - IsisdoJun	55

CANTINHO

DA ASSISTENTE

Olá, Lovers!

Nessa edição a equipe da BDSM Lovers tem muito a agradecer. A rede tem estado mais agitada do que nunca! E se temos o que contar aqui, é porque vocês, membros ativos desse espaço, têm feito com que ele fique mais interessante a cada dia. Se você ainda não conhece a Rede Social BDSM Lovers, um local para os apreciadores do BDSM erótico praticado com segurança e seriedade, acesse o site www.bdsmlovers.com.br ou curta nossa página no facebook e acompanhe as novidades!

NA FOGUEIRA

No nosso tópico favorito de entrevistas a temperatura subiu e tudo ficou mais picante este bimestre. Entrevistamos a deliciosa pimentinha, mais conhecida como clair de lune, kajira de Sargento Carrasco. Segue um pouquinho do que ela tem pra contar:

PERGUNTA: Pode nos falar um pouco mais sobre ser uma brat? Quais as implicações disso? Como funciona, na prática, para ti, ser uma brat?

RESPOSTA: O que mais confunde as pessoas é achar que brats são uma espécie de baby girl, e isso não procede. Baby girl é o fetiche em relação a interpretar um personagem mais novo. Brats não são necessariamente infantis. Do meu ponto de vista tem mais a ver com personalidade, assim como existe quem se intitule como submissa, escrava, masoquista. Esclarecido isso, gosto de dizer que brats são espirituosas, engraçadas, gostamos de ver o lado divertido da coisa e de divertir o ambiente, as pessoas, e principalmente de provocar/desafiar o Dominante, como uma criança que quer testar até onde pode ir... Sem uma razão específica, por puro prazer! Assim como outras pessoas gostam de apanhar por puro prazer, veja só...

Também passaram por aqui as belíssimas Lena Lopes e a ÍsisdoJUN, que durante sua entrevista, contou um pouquinho para nós sobre seus melhores momentos no BDSM:

Tentarei expressar aqui, pelo menos alguns deliciosos momentos que nunca me sairão da cabeça e do coração e que lembro-me como se fosse agora:

- 1 - Quando fui encoleirada;
- 2 - Quando Ele fez a primeira sessão de agulhas, desenhando em minhas costas um lindo corset;
- 3 - As duas marcas definitivas, mini Cutting e mini Branding que ELE fez na minha carne;
- 4 - A tatuagem que eu fiz em homenagem à ELE;
- 5 - E a primeira vez que viajamos juntos e passamos dois dias inteiros grudados, e onde fui deliciosamente amarrada, suspensa, exibida, usada e abusada o tempo todo por ELE como a cadela que sou DELE.
- 6- As três vezes que nos separamos/terminamos a relação.

Mas tenho a máxima certeza de que muitas lembranças ainda acontecerão e continuarão marcando intensamente a N/nossa caminhada, sempre positivamente, porque os planos são infinitos...

Completamos nosso primeiro ciclo de entrevistas. Foram 17 entrevistados, dividindo com a comunidade BDSM informações e opiniões preciosas, sobre sua trajetória e sua forma de entender o mundo e os fetiches. Os enfogueirados foram escolhidos pelos próprios membros da rede. Em breve realizaremos nova votação.

EM PAUTA

E quando se trata de BDSM, evolução parece ser uma das palavras de lei! No começo carregamos mil receios e limitações. Com o tempo, aprendemos com pessoas do meio e em nossos relacionamentos, que BDSM é seguro, é gostoso e que é possível ir além do que já conhecemos. A pergunta foi lançada em uma das comunidades: O que você nunca imaginou que fosse fazer quando entrou no meio e hoje faz ou já fez?

Entre os homens que responderam ao tópico, Role Play parece ter sido a prática que mais contrariou as expectativas. Pet play e mesmo rape play foram citadas como algo que os surpreendeu. Alguns relataram terem achado o role play, em primeiro momento, algo cômico. A excitação veio só depois de um certo tempo. Já entre as meninas, aprender a apreciar o spanking e ter contato sexual com outras mulheres foram as grandes surpresas. Como as coisas mudam, não é mesmo? Ainda bem!

Beijos pervertidos!



ENTREVISTA



Antônio Carlos Monteiro, empresário e praticante de bondage, começou a se aventurar na indústria da produção de imagens e vídeos voltados ao público apaixonado pelas cordas em 2008. Hoje em dia, seu site, Bound Brazil, conquistou assinantes, sobretudo fora do país. Um dos grandes diferenciais é que as modelos da Bound Brazil são meninas brasileiras. Sem excessiva ostentação, as fotos encantam e seduzem, até por passarem a sensação de que o Bondage não é algo restrito aos gênios das amarrações e às “femme fatales”. O Bondage pode ser uma obra de arte, ou algo tão simples e prazeroso quanto o desejo nosso de cada dia.

Sempre gentil e atencioso, o ACM da Bound Brazil, como é conhecido no meio BDSM, dividiu conosco um pouquinho da sua história.

Como o Senhor descobriu o mundo dos fetiches?

Eu nasci com o DNA. Costumo escrever no meu blog que as primeiras ideias fetichistas vieram na infância, nos desenhos animados e nos filmes de TV.

Evidente que ter ideias está longe de realizar, mas numa época de pouca informação e muito preconceito, as coisas saíam por acaso e foram se multiplicando até eu conseguir uma base que me fizesse ter o desejo de assumir meus sentimentos.

Sadismo e Dominação fazem parte dos seus desejos?

O sadismo não faz parte. Acho que o termo sadismo está longe de muitas definições que se apregoa por aqui. Ora um dominador pode não ser sádico, por que é preciso que o prazer esteja totalmente na dor para a pessoa se denominar um sádico. Lógico que quando você tem nas cordas seu fetiche, seu insight de BDSM isso te torna um dominador. Se você restringe movimentos, se você acaba com um dos sentidos da parceira você a do-mina. No entanto, a dor não me emociona, ainda que ache o castigo uma forma natural de lidar com minha dominação. Aplicar a dor como punição está longe da percepção de sadismo.

Em que momento surgiu a ideia de criar o site Bound Brazil?

É uma história complexa. Meu desenvolvimento de BDSM se deu em Amsterdam onde vivi por três anos. Até mesmo o manuseio correto das cordas, as diferenças entre as imobilizações ocidentais e orientais. E tal fato me aproximou de pessoas que já produziam antes da Internet existir. Tudo se dava em revistas de bondage, as chamadas “detectives magazines” e os caras chegavam com vídeos pra vender nos sex shops da Holanda. Daí, conhecendo os preâmbulos da indústria e tendo algum grau de entendimento com as cordas, dei meus primeiros passos através de produções independentes ainda quando a Internet não reunia condições de rodar um clipe de dois minutos online.

Anos depois, já em 2008, tomei coragem e resolvi que era hora de juntar essa experiência do passado com as conversas com produtores amigos criando um portal com meninas brasileiras que na minha ideia seria um diferencial importante, haja vista que os grandes portais americanos e europeus sempre utilizavam das mesmas atrizes/modelos em suas produções. E deu certo.

Ao escrever sobre a filosofia do site Bound Brazil, o Senhor fala em "Love Bondage". Pode nos explicar um pouco mais sobre o termo?

Love Bondage foi o termo utilizado pela indústria para diferenciar os sites de capturas, de meninas em perigo, que eles chamam de "damsels in distress" dos portais de SM, porque muito pouca gente tem notícia que a sigla BDSM é recente e foi criada em 1969, quando já existiam revistas que exploravam esses segmentos.

O termo Love Bondage visa diferenciar justamente os segmentos e enfoca as principais diferenças. Uma mulher em perigo não sofre dor ela apenas tenta se livrar do captor. Então, a filosofia do site é correta e dentro dos EUA que respondem por 70% das vendas de assinaturas, a lei 2257 é severa em todos os aspectos. Você vende o que anuncia e deve ter responsabilidade sobre o que posta, tanto quanto a maioridade das modelos quanto ao que será apresentado ao consumidor, daí a necessidade de apresentar uma filosofia em total acordo com o que você vai apresentar no portal.

Fosse um portal de SM como o Kink, por exemplo, você deve além de deixar claro sobre sado-masiquismo apresentar no final de cada clipe os atores e atrizes falando que tudo não passou de encenação e as cenas foram realizadas com segurança e em total comum acordo entre todos.



O site Bound Brazil foi premiado em mais de uma categoria pelo Bondage Awards. Como foi ver esse trabalho reconhecido? E qual foi a repercussão?

Aqui nenhuma. Me rendeu uma entrevista no site Scream & Yell e uma no canal sex hot. Lá fora

rendeu demais, não só pela solidificação do site no mercado, aumento de vendas e outros benefícios, como no reconhecimento do que é produzido fora do eixo EUA/Europa. Pode parecer pouco, mas o Bondage Awards é um prêmio de peso lá fora, porque além de levar em conta a votação popular, um júri especializado também premia. Porém, me deixou mais feliz o fato do longa metragem ter recebido o prêmio máximo. Acho que valeu a pena uma volta ao passado e as produções dos anos oitenta e começo dos anos noventa.



O Senhor participa de redes sociais voltadas ao público BDSM e fetichista. Existe um desejo de manter o homem desvinculado do empresário?

Nesse caso não. Em redes internacionais nem é mais necessário que se coloque meu nome ao lado do nome do site. As pessoas lá fora já reconhecem, participo de debates voltados para o segmento e troco lamúrias com amigos e concorrentes, porque a rede social definiu espaço e pôs fim à rivalidade. É comum trocar ideias e copiar o que dá certo. Não sei por quanto tempo ainda vou seguir com o site. É um trabalho importante, nem tanto pra mim, mas para as pessoas que vivem do que ele arrecada, mas minha atividade profissional fora do BDSM cada vez mais encurta meu tempo e me dedicar cada dia fica mais difícil.

Mas isso é um papo que nem eu mesmo sei onde está o epílogo da história.

É comum que mulheres o procurem, desejando serem fotografadas para o site? As que procuram tem espaço ou o site busca apenas modelos mais experientes?

É normal essa procura sim. E já fiz ensaios de pessoas fetichistas ou até baunilhas pelo prazer de se ver nas fotos. O site busca a mulher comum, aquela que você vê na rua todo dia e não faz menção a ser uma modelo profissional para aceitar o trabalho. No entanto, o fato de mostrar o rosto inibe um pouco as pessoas que transitam no meio, ainda que existam meninas que já trabalharam para o site.



No site é comum se encontrar fotos de mulheres amarradas por homens, e mulheres amarrando mulheres. Mas e quanto a mulheres amarrando homens? Há público para isto?

Sim há publico, mas bem reduzido. Me lembro quando o Eric Hollman do Helpless Heroines lançou o "bondage couples" com casais amarrados foi um grande sucesso. Porém momentâneo. O público não é fiel, as mulheres não arriscam assinar um site como os homens o fazem e não criam idolatria por modelos. Talvez o "men in bondage" do Kink tenha uma trajetória melhor, mas navega além de homens amarrados. Enfoca supremacia feminina com torturas como inversão e até sexo.

Há muitas meninas que assinam o site. Aqui no Brasil conheço duas, são lésbicas, e curtem e nos EUA algumas dezenas. A mulher com essa tendência está mais propensa a este tipo de imagem que as que preferem o homem em perigo.

Bondage parece permanecer uma prática ainda pouco conhecida no país, enquanto tem maior visibilidade no exterior. O Senhor considera isto algo positivo ou negativo?

Totalmente negativo. Em primeiro lugar as pessoas aqui associam bondage apenas às cordas, mas o conteúdo de um site vai muito além dessa perspectiva. Tanto que algumas produções são realizadas sem as cordas. As imobilizações com fita adesiva (duct tape) estão entre as mais pedidas pelos assinantes do site.

Outro erro é o não diferenciamento entre bondage e técnicas orientais. Shibari e hojojutsu, por exemplo, obedecem a um conceito diferente de bondage. Não há necessidade de definir uma posição por nomenclatura e o "rigger" pode criar explorando aspectos que no nascimento dessas técnicas de aprisionamento eram destinados a torturas, como a própria suspensão. Num universo aonde as pessoas procuram se alinhar por seus desejos de dominadores ou submissos é muito irrelevante o conceito da menina em perigo dos sites de bondage. Lá fora esse aspecto cresce e se mantém no topo.

Como o Senhor avalia o momento atual do BDSM no Brasil. O que poderia ser melhorado?

Esse ano completo 21 anos oficiais de vida com o BDSM.

Parece pouco, mas somando todas as vivências o caminho foi longo. Vejo hoje um BDSM muito mais focado nas redes sociais, a vivência é muito maior. Claro que isso sujeita o meio a ter enfoques distintos das pessoas, mas de certa forma, não é mais necessário colocar postagens em fóruns de revistas masculinas como antigamente em busca de adeptos. Há falhas como sempre houve e nunca vão deixar de existir. E as pessoas têm que perder essa mania de virar as costas ao novo na vã tentativa de enaltecer o que chamam de autêntico. Ora, autêntico é tudo que é feito com alma, com vontade, e isso independente de épocas ou pessoas.

Ninguém é insubstituível. A lógica diz que a história deve ser preservada, algumas pessoas que lutaram tanto por isso deveriam ser mais respeitadas, mas esse reconhecimento o tempo vai tratar de fazer valer.

Não me sinto melhor que ninguém ou pior. Fiz meu trabalho, lutei pela causa que acredito, mas vejo iniciativas brilhantes acontecendo e, como sempre, as pessoas dando pouca importância ao que é criado em seu benefício.

Os adeptos devem acima de tudo melhorar a convivência. Devem respeitar as escolhas e as pessoas com as quais convivem. É simples criticar iniciativas sentado num PC, vendo as pessoas se desdobrarem pra realizar.

Liderança não se toma se conquista, e se existir respeito pelo próximo, esse mundo onde não deveria existir preconceito será bem melhor...

Bound Brazil: www.boundbrazil.com



AGENDA DEVASSA



Greetings comunidade BDSMer e Fetichista, aliás todo esse mundo Kinky é maravilhoso.

Pela primeira vez assumindo esse espaço mais que especial, prometo sempre deixar a agenda devassa o mais recheada possível, com festas e eventos para todos os gostos e por todo o Brasil.

Vamos conferir a nossa Agenda Devassa?

01 a 04/05 - Encontro FEMDOM

Rainha Flor Pr está organizando um encontro Femdom na Praia Grande, será dos dia 01 à 04 de maio.

Onde viveremos FEMDOM, 24/7 bem ao estilo OWK.

Será em uma casa linda, com piscina, 4 quartos, etc, etc, etc.

O preço vai depender do número de pessoas, mas calculamos algo em torno de 300 a 350 reais por pessoa (vai depender do número de participantes) quem tiver REAL interesse deverá procurar uma das organizadoras pelo facebook ou fetlife.

Temos pouquíssimas vagas, para escravos, masoquistas e submissos.

01 a 04/05 - Encontro no Cerrado

O ENCONTRO BDSM NO CERRADO 2014- Brasília - DF, foi antecipado para o mês de maio de forma consensual com os amigos presentes no encontro de 2013.

São 34 dias de (con)vivência BDSM em uma chácara, onde praticantes se reúnem para compartilhar, confraternizar e vivenciar seus desejos e fantasias BDSM num ambiente exclusivamente reservado para tal. é um prazer receber a cada um que deseje estar conosco com o mesmo intuito.

Os custos são rateados entre os participantes e incluem o aluguel do local, alimentação, bebida e o transporte em horários pré definidos: aeroporto / local / aeroporto. Tudo muito simples, cuidado pelos próprios participantes de modo a tornar o ambiente intimista e confortável.

Os momentos BDSM também acontecem pela vontade e iniciativa dos participantes, não há apresentações que não sejam compostas por nós mesmos.

Preço: Estimado de 400,00 por pessoa (consulte por email para preços finais)

Inf: vaca.profana@hotmail.com

09/05 - EXÒTIK KINKY FASHION

FETISH FAIR / FETISH MODELS / PERFORMERS

* DJS * VJS * BDSM PLAYS * PODOLATRIA * SORTEIOS DE BRINDES

Dress Code (OPCIONAL) Fetiche, Couro, Latex, Lingerie, Vinil, Style Sexy, Goth, Burlesco, All Black e Zentai

► INGRESSOS NO LOCAL (a noite toda)

HOMENS: R\$50 (R\$40 Lista)

MULHERES: R\$30 (R\$15 Lista)

CD's: R\$30 (a noite toda)

► NOMES PARA A LISTA AMIGA NO MURAL DA FESTA OU POR SMS NO CEL: 21 997 846 948

► Espaço Marun - Endereço: Rua do Catete, 124 Glória RJ

► Informações e Nomes na Lista: 21 997 846 948

Eventos Bar da Gata

Data: 03/05 - Tema: BDSM night

Data: 09/05 - Tema: Munch BDSM

Data: 10/05 - Tema: Noite Baiana

Data: 16/05 - Tema: Bate papo com Gladius

Data: 17/05 - Tema: A masmorra party

Data: 23/05 - Tema: Work shop de Bondage e Shibari

Data: 24/05 - Tema: Festa podo

Data: 30/05 - Tema: Soul Music Night

Data: 31/05 - Tema: Forças Armadas

Das 21:00 até último o cliente

Endereço:

Rua Antonio de Barros, 2780

Tatuapé - São Paulo - SP

Para dúvidas, sugestões, festas e informações, entre em contato com a Gata.

Inf: a_gata_selvagem@hotmail.com, contato@bdsmclube.com.br

Fone: (11) 2157.1130 / 2538.5335 / 97165.1811



BDSM A TRES

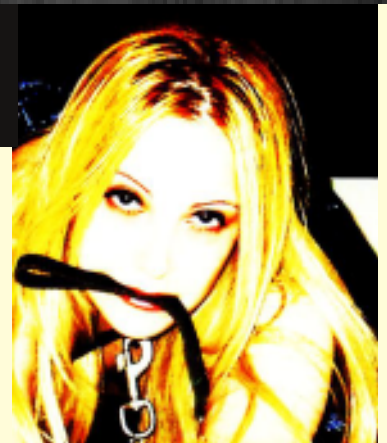
Até o FaceBook já sabe que os relacionamentos não são mais como era de se imaginar.

Ao identificar-se como alguém comprometido, o usuário precisa escolher o tipo de relacionamento no qual se enquadra, em um site dirigido a um público convencional e encontra a opção “relacionamento aberto”. Nos anos noventa, as casas de swing se popularizaram, e hoje em dia não é raro se encontrar um casal que já tenha experimentado ao menos um momento de sexo à 3.

A comunidade sadomasoquista também dá claros sinais de evolução e abertura de formatos. Não é raro em eventos fetichistas, nos depararmos com a che-

gada de um Dominador acompanhado de duas (ou mais) submissas portando seu nome em suas coleiras. Da mesma forma, cada vez mais, Dominadoras não aceitam a limitação de não poderem ter mais de um submisso a servindo.

Se considerarmos que as relações de poder já por sua natureza implicam em um consentimento ao Dominante de ter suas vontades satisfeitas, não deveria causar surpresa ou estranhamento o fato de um TOP desejar ter vários relacionamentos simultâneos. E esse desejo não é nem um pouco incomum. Na literatura antiga de temática sadomasoquista, como no famoso livro de Pauline, A História de O, a



protagonista não era a única garota mantida e treinada no castelo de Roissy.

Mas como é possível, sobretudo em um meio que desperta sentimentos tão intensos, encontrar pessoas dispostas a partilhar a relação com terceiros? A BDSM Lovers conversou com diversas submissas para tentar compreender melhor essa questão.

A escrava Luciana explica que

uma terceira presença pode até mesmo fazer renascer na relação a sensação adrenal do início, que muitas vezes se perde em relacionamentos duradouros.

“É uma nova adaptação. É tudo novidade”, ela diz. Ana, que nunca viveu a experiência, conta com clara empolgação que gostaria muito de poder proporcionar algo assim a seu Dono, e que a casa está à procura da pessoa ideal. Katia explica que a presença feminina é bastante agradável. Uma segunda submissa pode trazer alegria e riso ao relacionamento inicial, além de ser sexualmente estimulante estar com seu Dono e mais uma mulher.

O elo entre irmãs de coleira pode ganhar bastante força. Algumas submissas relatam já terem inclusive abandonado um relacionamento com um TOP depois da saída de uma irmã. “Ela entregou a coleira e a relação perdeu o sentido para mim”, diz Sandra. Já Simone, alerta: “É preciso entrar no relacionamento pelos motivos certos. O foco deve ser sempre o relacionamento de Dominação e submissão entre cada um dos bottoms e o TOP.

Quando um bottom entra no relacionamento pelo prazer de serem três ou mais pessoas, ou quando aceita uma coleira por desejar muito o convívio com a irmã, o relacionamento está fadado ao fracasso. Esse é um problema clássico!”

E entre os problemas clássicos apontados, está a questão do CIÚME.

O AMOR E O MEDO DA PERDA

Não faz sentido perder o que não se possui. No livro citado acima, a escrava “O” era claramente posse e nada mais. Os

sentimentos não são tão bem definidos quanto na literatura. O desejo de pertencer mistura-se, muitas vezes, ao amor romântico, na prática, bastante condicional. Uma escrava, muitas vezes é também uma mulher que dese-



sentimentos eram muito bem definidos. A ela cabia pertencer e sentir os prazeres do pertencimento. O amor romântico e suas exigências não se encaixavam na situação.

Na vida real, especificamente no cenário BDSM do Brasil, os sen-

ja e precisa sentir-se amada por seu parceiro. Não é incomum também que um escravo se apaixone por sua Dominadora. Do amor ao ciúme, o trajeto parece ser exatamente o mesmo em relacionamentos baunilhas e de BDSM: rápido e certo.

Helena, submissa há aproximadamente dois anos, relata que ao imaginar que seu Dono sentia amor por outra escrava, sofria com o pensamento de que talvez ele jamais se sentisse dessa forma em relação a ela. “Os surtos são inevitáveis”, ela conclui, após contar que tanto ela quanto as outras escravas de seu Dono já se sentiram ameaçadas por uma segunda presença feminina.

Nem todo TOP se propõe a misturar amor e BDSM. Talvez haja, em alguns casos, uma falha de comunicação entre parceiros.

Talvez os objetivos mudem com o tempo, conforme a relação e-

relação de Dominação e submissão, mas que o amor romântico desse Dominador não está disponível para elas.

“É por causa disso que muitos relacionamentos terminam”, conta Mayara. “Mais cedo ou mais tarde, todo mundo precisa se sentir amado”.

Fato é que, qualquer que seja o motivo, essas tão idealizadas e desejadas relações não costumam durar muito tempo. Raros são os casos na comunidade Brasileira, de relacionamentos a três que tenham durado mais de um ano.

Analisando-se dez relaciona-

No entanto, para se compreender melhor a questão, seria necessário analisar a duração média também de relacionamentos monogâmicos dentro do BDSM. “Uma relação a três que dure seis meses, está longe de ter sido um fracasso” conclui Marcelo, Dominador e poliamorista.

O PRAZER E A DOR A TRÊS

Se por um lado a estrada de quem opta por estar em um relacionamento BDSM à três é sinuosa, por outro, o prazer sexual e sadomasoquista quase sempre é ampliado. “Tive uma época duas escravas. Uma delas adorava cordas e era a pessoa ideal para o bondage. A outra não suportava cordas, mas tinha um imenso prazer e alta resistência ao passar por um spanking. Tudo se completava”, relata Felipe, Dominador há dez anos. Outro prazer bastante citado é semelhante ao desejo que os jovens sentem hoje em dia por “causar”. Obter o foco por ir contra a cultura, coisa que antes provocava temor e nervosismo, hoje origina em várias pessoas um certo prazer.

Essa mudança não veio exatamente sem ser esperada por estudiosos do assunto. Durante as grandes guerras, o valor individual era muito pequeno, se comparado à importância da sociedade como um todo. Um soldado morria por seu país e isso era visto pela imensa maioria como uma atitude nobre, embora bastante comum. Um guerreiro era tão bom quanto o próximo a morrer por uma causa. A vida de um único ser valia muito pouco.



volui. Mas é consenso que a clareza de intenções e dos limites da relação ajuda a evitar dissabores, sobretudo quando há mais de duas pessoas envolvidas. Também é importante considerar que nem todo TOP que tem mais de um bottom a seus pés é poliamorista. Alguns Dominadores oferecem seu amor a apenas uma de suas submissas. Às outras cabe entender que o que terão é alguém para uma

mentos a três vividos nos últimos 7 anos dentro da comunidade BDSM, a média de duração encontrada foi de 6 meses. Na maioria dos casos, a sub que já estava na relação foi a que permaneceu após o rompimento do trio. Isso levanta algumas suspeitas. “Tem sido discutida a profundidade dessas relações. Será que não são utilitárias, simplesmente?” observa Patrícia.

O foco estava no todo. Nos grupos expressivos, ou na sociedade em geral.

Os anos 50 e suas revoluções mostraram a necessidade humana de se destacar na multidão. Contrariar era necessário, como um grito a favor da liberdade e da individualidade. Talvez tenhamos herdado esse desejo por romper com o que nos é imposto desde então. É difícil medir o quanto esse pensamento alavancou nosso mundo em direção ao que vivemos hoje quanto aos relacionamentos.

As pessoas aprenderam a conviver com o diferente, e até a gostar de ser diferente. O mundo mudou. Os valores também mudaram. O que antes era absolutamente negativo, como pensar por si mesmo, chocar a sociedade, ter atitudes imprevisíveis e inusitadas, passou a ser visto como algo que auxilia as pessoas a ganharem atenção positiva, saindo do triste e indesejável bloco dos comuns. As artes, representando o que era considerado errado revestido em glamour também tiveram seu papel. O protagonismo da literatura abandonou a figura do herói e adotou a irreverente imagem do anti-herói. Seria pouco provável que todo esse brilho não atraísse a atenção dos que cresceram lendo e assistindo a essas histórias.

PERTENCIMENTO DIVIDIDO

A escrava fictícia “O” não era a única de Roissy, mas também é verdade que ela não era destinada ao uso de um único Dominador. No Brasil, embora o empréstimo ou a posse dividida não seja uma prática tão comum, Do-

minadoras tendem a ser mais favoráveis a emprestar suas poses à colegas de Dominação do que TOPs do sexo masculino.

É bastante polêmica a questão do pertencimento dividido. É possível? É desejável? Ou contraria as próprias definições do BDSM? A escassa literatura em volta no tema parece defender a possibilidade da existência desses controversos relacionamentos. A cultura ainda vigente, sobretudo, parece não ter sido totalmente vencida. Mas muitos dizem que não é a cultura atual, mas sim a própria dinâmica de sentir-se posse que impede ou dificulta esses acordos. Nos fóruns em que essa dúvida foi lançada, as respostas sempre envolveram alteração de ânimos e hostilidade.

LIBERDADE DE ESCOLHA

Seja a dois, a três ou a dez, seja com pouca ou muita profundidade, com amor ou sem amor, com ciúme ou sem ciúme, o BDSM não é nem estático e nem um conjunto imenso de regras fechadas. O foco é e sempre foi o prazer. E cada um o sente de uma maneira. E assim, sendo construída dia a dia, segue a nossa comunidade, surpreendendo até mesmo a seus mais perceptivos adeptos.

Entenda um pouco mais sobre o vocabulário usado atualmente, referente aos relacionamentos a três (ou mais) no BDSM.

IRMÃS DE COLEIRA

O termo irmãs de coleira se popularizou entre praticantes de

BDSM, como forma de designar duas mulheres que servem ao mesmo Dominador. A tendência é de que elas tenham bastante contato uma com a outra.

Algumas irmãs de coleira se relacionam sexualmente, e outras apenas servem juntas ao Dono, idealmente em cooperação.

Raramente o termo Irmãos de Coleira é usado para designar dois submissos da mesma Dominadora. Na grande maioria das vezes, eles não se relacionam entre si.

SESSÃO DUPLA

Momento em que dois bottoms participam de uma sessão de sadomasoquismo com o mesmo TOP, sejam os bottoms irmãos de coleira ou não.

FIRST GIRL

Termo emprestado da comunidade Goreana, que, à exemplo dos livros de GOR, usam a expressão FIRST GIRL para denominar uma escrava que está em posição hierarquicamente superior às outras.

POLIAMORISTA

O poliamorista é o indivíduo que se considera capaz de ter relações profundas e talvez duradouras com vários parceiros simultaneamente, independente de ele já estar envolvido em mais de um relacionamento ou ainda não.

CAOS ORDENADO

Talvez um dos jargões mais conhecidos do meio militar seja o que preconiza que “Recruta é a imagem do cão”; mas isto tem um fundamento: recrutas são responsáveis pelas histórias mais estapafúrdias da unidade. Eu já fui recruta e já fiz muita besteira: já deixei minha arma cair no chão, já tropecei ao descer da viatura e já dei “mão pra cabeça” pra advogados (risos); mas resolvi traçar um paralelo entre a recrutice militar e o recruta BDSMista:

O Dom recruta típico é o sujeito que está tão desesperado para conseguir sua primeira escrava que os tópicos que ele mais frequenta são os classificados; é o típico cidadão que chega chamando qualquer submissa de cadela e exige tapete vermelho onde quer que vá; é o típico cidadão que deu meia dúzia de tapas na bunda da escrava (que o deixou exultante pela conquista) e posta foto orgulhoso de uma bunda rosa (sim, porque nem vermelha chegou a ficar... o que dirá, roxa).

Mas ser recruta tem seu lado bom: é a época da vida do sujeito onde ele está mais faminto por evolução; é quando ele tem a melhor curva de aprendizado e é quando ele menos se melindra com os erros que tenha cometido; o recruta sempre quer vencer a concorrência...

Outra recrutice comum entre as duas linhas desse paralelo é que o recruta tende a endeusar seus ídolos; aqueles que ele elege como espelhos; não raro, o recruta descobre depois de algum tempo que aquele “antigão” não era tão diferente assim dele mesmo e que a coisa não é tão difícil assim...

Nunca me esqueço de uma transa que tive há muitos anos, no início da minha vida sexualmente ativa, com uma mulher mais velha: ela estava de quatro e disse “me bate”; eu fiquei pensando no que poderia ser que ela quisesse; “me bate!” disse em tom mais enérgico e eu deu um tapinha na bunda dela (afinal eu sempre tinha escutado que em mulher não se batia nem com uma flor); “bate forte!” ela disse já zangada e eu lhe dei mais dois tapas indecisos.

“Bate que nem homem, filha da puta!” – ela gritou.

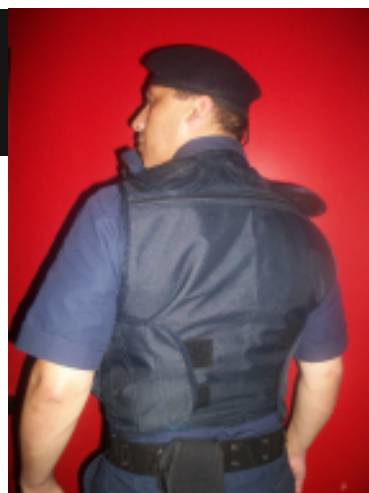
Aquilo me fez subir o sangue! Quem essa vadia pensa que é pra falar assim comigo?

Foi a primeira vez que fiquei com a mão ardendo por bater em alguém; num misto de raiva e excitação, pensei “agora também vou castigar essa vaca!” e comecei a meter com força, com o claro propósito de machucá-la; minha fúria era tamanha que comecei a bater na outra banda da bunda dela; ela começou a gritar, tremeu feito uma britadeira, apertou meu pau com a... (pode falar pepeca aqui?) e eu gozei feito louco também, com a alma lavada e a honra recuperada...

Quando íamos embora, ela olhou pra mim e disse: “eu sabia que você tinha pegada” e deu uma risadinha safada pra mim.

Até então eu tinha certeza que ela nunca mais iria querer me ver, pela “violência” com a qual eu a havia tratado, mas no final das contas, bastou uma frase bem colocada e eu fiz exatamente o que ela queria desde o começo. E eu achando que tinha judiado dela... recruta maldito!

Well wishes, my friends!



Fetisso



loja.fetisso.com.br

Roupas e acessórios de látex.
Entregamos para todo o Brasil.

PORTA DE ENTRADA

Olá, V.

Estou começando agora nesse universo do BDSM e gostando muito das experiências que tenho tido, estou me encontrando. No entanto, tenho uma dúvida.

Percebo que me excito quando sinto dor, mas minha resistência à dor é muito baixa. Como eu posso me classificar? Posso dizer que sou masoquista? Beijos M.

Olá querida M.

Questão muito pertinente, a sua. Estamos sempre em busca de uma classificação que nos defina e que nos ajude a nos compreender melhor. Nosso universo BDSM praticamente nos impõe essa classificação, para que saibam a que viemos, não é mesmo?

Então, vamos lá. Ser masoquista significa, simplesmente, ser alguém que tem prazer ao sentir dor. Então, sim amada, você é masoquista. Mas veja, a resistência é apenas um dos aspectos do masoquismo. Uma masoquista pode ser pouco resistente, e não vai deixar de ser masoquista. Assim como existem muitas meninas que não apreciam nenhuma dor física, mas ficam extremamente excitadas com sofrimentos de ordem psíquica e emocional, gostam de sofrer humilhações, e estas também são masoquistas, mas costumamos chamá-las de masoquistas emocionais. Esta confusão é bem comum. Se

você diz que é masoquista, a pessoa logo pensa que você gosta de dores extremas, de apanhar até sangrar, etc. Por causa disso, muitos praticantes têm medo de se assumirem assim, e é compreensível diante deste tipo de confusão. As pessoas que se assumem como submissas já não têm esse problema, e mesmo assim, sabemos que existem níveis de submissão. Submissas não dizem sim para absolutamente tudo. Eventualmente elas não vão conseguir obedecer algo.

Com o masoquismo não é diferente, e devo dizer, por experiência própria, a resistência à dor aumenta com o tempo, e às vezes chego a duvidar que exista um limite para ela. Além de ir aumentando, a resistência à dor física também pode variar de acordo com vários fatores como, por exemplo, a fase do ciclo menstrual ou mesmo o seu humor no dia da sessão.

Mais um detalhe: Mesmo você me dizendo que tem prazer ao sentir dor, tenho certeza de que você não sente prazer com todo e qualquer tipo de dor. Aposto que você não fica nada excitada quando está com cólica. Acertei?

Outra coisa que acho importante salientar é que as classificações não devem ser limitantes. O fato de você se classificar inicialmente como masoquista, não quer dizer que você não possa ser também submissa, e esta é outra confusão bem comum. Já ouvi inúmeras vezes “masoquistas são rebeldes e manipuladoras”,

ou ainda, “submissas são frágeis e não gostam de dor, apenas recebem as punições para agradar o Dono”. Isso é bobagem. Muitos submissos apreciam práticas dolorosas e muitos masoquistas adoram obedecer a seus Donos e fazem isso muito bem.

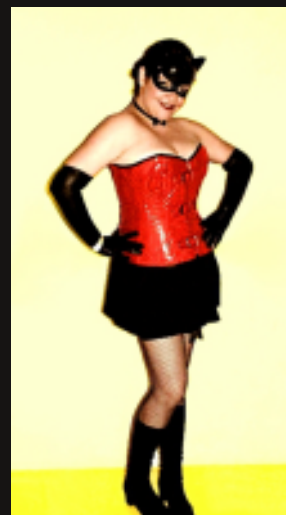
Os termos “masoquista” e “submisso”, assim como tantos outros que existem, servem apenas para caracterizar parte do que somos, mas de uma forma geral somos múltiplos, e é normal que tenhamos diversas facetas.

Legal mesmo é poder ir descobrindo, caminhando no nosso “universo” e percebendo o quanto ele é rico, divertido e multifacetado. Tenho certeza de que o seu caminhar ainda te trará muitas surpresas!

Obrigada pela sua participação, minha querida, seja sempre muito bem vinda por aqui!

E se alguém quiser tirar dúvidas, basta me escrever!

Muitos beijos da V.



Nunca foi tão fácil ter seu próprio
negócio funcionando 24 horas por dia
para até milhares de pessoas em todo país!



<https://www.svz.com.br>

Para ser bom não precisa ser caro,
basta ser inteligente!

Soluções rápidas
para hospedagem e
desenvolvimento de
sites, blogs e lojas virtuais
a partir de R\$ 9,90/mês!

Suporte online e
servidores no ar
24 horas por dia
com backup diário
em todos os planos!

DICAS DE CULTURA



“A Imagem”, dirigido por Radley Metzger, é um filme erótico canadense da década de 70, mas com um conteúdo sadomasoquista de encher os olhos. O filme é muito bem feito do ponto de vista da Dominação/submissão. Jean (Carl Parker) conhece Anne (Mary Mendum) na festa de uma amiga, Claire (Marilyn Roberts), que não é apenas amiga, mas Dona de Anne.

Num jogo extremamente erótico, Anne vai aos poucos envolvendo e seduzindo Jean a mando de sua Dona, que manipula toda a situação. Um dos primeiros pontos eróticos do filme dá-se num passeio no parque em um local ermo. Claire demonstra seu poder sobre Anne aos olhares atônitos de Jean. Enquanto conversam, Anne penetra seus dedos numa pétala de rosa de forma lasciva e provocadora. Claire ordena-lhe que traga a rosa e esconda-a nos seios, sem importar-se com os espinhos. Jean começa a interessar-se pelo jogo e sua imaginação voa. Claire ordena que Anne levante a saia, mostrando-a sem calcinha e fixando a rosa na cinta liga, de forma a causar atrito em seu clitóris. A cena evolui e seu desfecho nos brinda com uma bela cena de pissing.

O filme a partir daí entra numa crescente. Claire convida Jean a ver algumas fotos de Anne em sua casa. São fotos em que ela está nua, acorrentada e com marcas de chicote. Numa das fotos Jean desconfia que aquela determinada foto não seja de

Anne, pois percebeu que os dedos eram diferentes. O jogo de Claire segue, expondo Anne a diversas humilhações.

Empresta-a para que seja objeto sexual de Jean, que a usa publicamente em restaurantes, banheiros, carros e até cabines telefônicas.



Jean começa a se transformar, seu lado dominador flui e o que antes era apenas uma grata surpresa vira um imenso prazer. A cada encontro seu poder sobre Anne vai aumentando, passam a sair sozinhos e sempre relatando a Claire todos os detalhes e humilhações que impôs à escrava dela durante o dia. Claire demonstra um imenso interesse com as narrativas, pergunta a Anne se teve prazer no que fez e ela diz que sim. Esse é o motivo que Claire encontra para a punição e propõe a Jean castiga-la em sua casa num jantar.

Naquela noite a sala de Claire transforma-se numa masmorra, com correntes, chicotes e acessórios para tortura. É o momento em que o dominador desperta. Com Anne acorrentada e vendada, ele lembra-se daquela foto que lhe causou desconfiança e investe. De forma gestual mostra sua autoridade sobre Claire pegando-a vigorosamente. Ela hesita, mas não deixa sua fragilidade vir à tona, se desvencilha e continua a sessão com Anne. Jean toma a frente, chicoteia Anne e se sacia sexualmente no fim da cena. Claire se descontrola ao ver que sua autoridade esmoreceu e agride Jean, que vai embora.

O desfecho final nos brinda com Claire no dia seguinte batendo na porta de Jean. Ela entra e ele, já senhor de si, ordena-lhe que se dispa. A paixão de Claire por Jean a faz ficar nua, e de joelhos profere a seguinte frase: “Sou tua, podes fazer o que quiseres comigo!”

Eu gostei muito da construção da figura do dominador ao longo do filme e do seu final quando a dominante entrega-se incondicionalmente num ato de amor.



As lojas virtuais Coleiras WZ e Fetish Allure agora
juntas no mesmo endereço!

Acessórios BDSM personalizados, acessórios eróticos
e fetichistas. Roupas importadas de vinil, latex e couro.

WZ Fetish - Onde você encontra tudo para seu prazer!

www.wzfetish.com.br

LUAS DE JUPITER



A Arte e a Grandeza do Servir

Não vou questionar os pontos de vista que entendem a “servidão” como algo puramente degradante, ou desprestígio. Prefiro focar, nesta abordagem, a arte de servir pelos aspectos nobres, como o exercício da humildade, dedicação, do prazer que se obtém e se causa com a doação de si mesmo a alguém que se julga merecedor desta prestação.

O prazer em ser subjugado diante de algo “maior” não é apenas erótico. Nasce de uma lacuna humana comum a todos, entretanto, mais acentuada em algumas pessoas, que encontram plenitude numa postura fiel e servil. A religiosidade e comportamento diante de poderes tidos ou eleitos como superiores é uma prova disso. Há cargas expressivas de endorfina e adrenalina inclusive nos cultos religiosos, no prazer da entrega do próprio destino a um ídolo superior, a quem se profere adoração e culto. Não parece familiar esta sensação?

Religiosidade é uma forma de fetichismo idolátrico.

A própria terminologia “litúrgica” empregada em algumas práticas do BDSM remete a uma ideia religiosa, que está em tendência de declínio, porém, ainda vigente. A idolatria que o bottom possui por seu Top, os submissos pelos Dominadores, nos dá um claro exemplo disso. Não é interessante perceber que em um mundo onde a igualdade é uma norma legal, busca-se voluntariamente viver em um universo paralelo, onde a desigualdade é justamente a fonte dos prazeres?

E servir, fazer da própria existência a fonte de onde emana o prazer de alguém que se elege para receber a energia, os tratos, a dedicação e até os sacrifícios em nome de sua satisfação, gera em algumas pessoas uma indescritível plenitude. Um prazer que emana do próprio sacrifício, de forma semelhante ao que sentem os pais pelos filhos (aí entra o paradoxo de algumas formas de Age Play).

O corpo responde ao estímulo prazeroso com a identificação do papel com o que mais nos identificamos no BDSM. E não

é muito raro encontrarmos situações em que Dominadores e submissos experimentam e apreciam a troca de seus papéis, o que justifica bastante (como se fosse necessária justificativa), a existência dos switchers.

É importante afirmar que se encontra crescimento e nobreza na servilidade. Uma submissa pode ver-se fortalecida no exercício de sua fragilidade, engrandecida no exercício da humildade. E colocar aos pés daquele a quem serve todo o comando que em outros momentos, ela exerce com firmeza sob a própria vida. A entrega é plena quando há conteúdo a se entregar. Por esta razão, algumas pessoas, como eu, apreciam pessoas fortes e seguras com o rosto colado no chão diante dos próprios pés. Não pela degradação (que também é fonte de prazer), mas pela plena manifestação da real entrega de algo: a disposição da própria dignidade.

O que nos exercita é o que faz oposição à nossa força. Logo, subjugar-se por prazer é sim um caminho de crescimento, e felizes dos que percebem e exploram ao máximo estes prazeres. Servir é um ato de nobreza, mesmo quando o prazer legítimo está na humilhação.



Qual o seu fetiche?

Bondage? Castidade? Fuck-toys? Medical? Sensation? Spanking? Vestuário?

*Queremos fazer parte dos seus fetiches!
Encontre os acessórios adequados e realize-os!*

*-Discrição, privacidade e compras 100% seguras!
-Aceitamos todas as formas de pagamento.*

www.megafetichê.com

Curta-nos no facebook e fique ligado em nossas promoções! facebook.com/megafetichê.br

PALAVRA DE PSICOLOGO

Nas duas últimas edições da Revista BDSM Lovers nós começamos a discutir as diferenças entre as diversas formas de fetichismo erótico, praticadas pela comunidade BDSM e as formas de fetichismo patológico.

Neste terceiro artigo, o último dessa série, vamos conhecer as mais recentes discussões sobre o tema e saber o que mudou na última edição do DSM.

Para você que está lendo essa coluna pela primeira vez o DSM V, é a 5ª, e mais recente, edição do Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Americana de Psiquiatria (American Psychiatric Association - APA) lançado no ano de 2013.

O capítulo que nos interessa é o das Desordens Parafilicas que inclui oito condições, a saber: Desordem exibicionista, desordem fetichista, desordem frotteurista, desordem pedofílica, desordem de masoquismo sexual, desordem de sadismo sexual, desordem de travestismo e desordem voyerista.

O grupo de trabalho de desordens sexuais de gênero, grupo que estudou esses transtornos, tendo como objetivo atualizar essas definições de acordo com as pesquisas mais recentes, definiu diretrizes diagnósticas que permitem distinguir os transtornos, isto é, as patologias, do comportamento sexual atípico, porém considerado saudável.

Desta forma passou a ser considerado que a maioria das pessoas com comportamento sexual atípico não é portador de transtornos, e que para que se diagnostique um transtorno é necessário que as pessoas com tais interesses apresentem pelo menos um entre os dois comportamentos a seguir:

Sinta profundo desgaste ou stress emocional por causa de seus desejos que não seja causado simplesmente pela desaprovação social (ou pelo temor dela).

Tenha um comportamento sexual que envolva desgaste ou stress emocional de outra pessoa sem o seu consentimento ou que seja legalmente incapaz.

As ideias que estão por trás dessas diretrizes diagnósticas já são antigas conhecidas da comunidade BDSM, ou seja, aquilo que não causa danos à funcionalidade do indivíduo e de seus parceiros e que é praticado consensualmente entre adultos legalmente capazes, mesmo sendo um comportamento sexual atípico não é considerado doença.

O problema é que a definição clínica, mesmo dando a orientação para os profissionais, muitas vezes não é capaz de acalmar o coração das pessoas que sentem esse desejo praticamente incontrolável de viver seus fetiches.

Quando se tem esse tipo de problema, o apoio da comunidade BDSM presencial ou de redes de relacionamento virtual como a BDSM Lovers, de pessoas que já passaram por problemas semelhantes, pode ser de grande ajuda no processo de as pessoas se sentirem aceitas e de se aceitarem. Quando isso não se mostra suficiente o auxílio profissional pode ajudar a passar por essa fase difícil. Em qualquer caso nunca tema procurar ajuda.

E se você tem uma dúvida ou uma sugestão escreva pra mim que eu respondo aqui no “Palavra de Psicólogo”!



MEMÓRIAS

DE UMA MENINA MA

Relação 24/7 mito ou realidade?

Acredito que todo mundo que faz parte do universo BDSM já desejou ou pelo menos se sentiu curioso no que diz respeito à relação 24/7, se questionando se é uma relação viável, se é possível e se aconteceria como nós imaginamos.

Claro que em nosso imaginário, uma relação 24/7 incluiria uma bela masmorra no subsolo da casa, cheia de correntes e ganchos, sempre pronta para aprisionar o nosso escravo. Na nossa fantasia, seria ótimo viver em tempo integral os nossos desejos mais obscuros e vivenciar tudo aquilo que só vemos em filmes.

Eu já tive a oportunidade de vivenciar essa experiência fascinante da relação 24/7, mas já devo avisar aos senhores que a vida real nada tem a ver com a nossa imaginação. Pelo menos eu, na minha condição limitada de ser humano, não consegui manter um escravo preso em cativeiro por tempo integral e não foi por falta de desejo de ambas as partes, apenas por falta de realidade nisso tudo.

Para viver, em qualquer aspecto, temos que criar condições de sobrevivência, por mais que nos isolemos do mundo, temos alguns vínculos sociais que são indissolúveis, então na realidade ninguém vive em tempo integral sendo dominador ou submisso, todos nós temos nossas facetas, nossos momentos, nossas dores e aflições e acima de tudo, nossas necessidades que devem ser supridas de uma forma ou de outra.

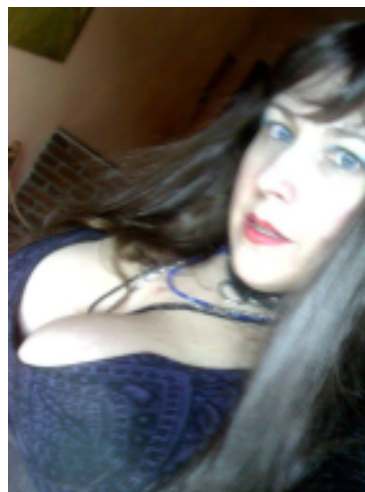
Claro que pode se ter uma relação D/s em tempo integral, mas é ilusão achar que você dominador, sempre estará no controle, e que o submisso estará sempre esperando suas ordens e comandos.

Existem momentos em que somos apenas seres humanos, mas claro que quando a entrega é real e verdadeira, podemos prolongar as sensações das sessões por muito mais tempo e estende-las para a vida real.

É bom viver uma relação 24/7, inigualável eu diria, intenso realmente, porém desgastante. Manter nossos personagens em tempo integral faz com que percamos um pouco de nós mesmos e da nossa essência, é preciso ter muito autocontrole e discernimento para manter-se saudável dentro de uma relação desse tipo.

Abram suas masmorras e soltem as suas feras, pois a realidade é muito mais fantasiosa do que aparenta ser!

E viva aquilo que tem para ser vivido, da melhor maneira possível, seja sua relação em tempo integral ou não, o que importa é a intensidade com a qual você a vivencia!



LEI DA MASMORRA

Direito Kinky - BDSM e Direito

Um tema bem pouco estudado pela Legislação brasileira é o BDSM. Atualmente ganhamos muita exposição na mídia e essa visibilidade diverge opiniões até entre nós mesmos. Enquanto por um lado é positivo que o Tema BDSM possa começar ser dito à luz do dia, por outro a abordagem por NÃO BDSMISTAS traz uma gama de preconceitos, personagens perturbados e mocinhas coitadinhas, que aceitam apanhar por amor, e o imaginário popular que desconhece o tema vai formando uma imagem não condizente com a nossa realidade.

Uma das fontes importantes do Direito são os "Costumes do Lugar". Como preleciona Miguel Reale na consagrada Teoria Tridimensional do Direito, acontece um fato social, a sociedade imprime um valor a ele e o Direito normatiza a situação.

Vemos como exemplo claro disso algumas condutas que seriam em sua essência antijurídicas perderem esse condão por serem socialmente aceitas, como a tatuagem, furar a orelha de uma criança, dispor relativamente da própria integridade física como no Box e até inutilizar uma parte do corpo como nas cirurgias de mudança de Sexo.

O Artigo 129 do Código Penal Brasileiro tipifica como crime a Lesão Corporal da seguinte forma:

Art. 129 - Ofender a integridade corporal ou a saúde de outrem:

Pena - detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano.

LESÃO GRAVE

§ 1º - Se resulta:

I - incapacidade para as ocupações habituais, por mais de 30 (trinta) dias;

II - perigo de vida;

III - debilidade permanente;

IV - aceleração de parto:

Pena - reclusão, de 1 (um) a 5 (cinco) anos.

§ 2º - Se resulta:

I - incapacidade permanente para o trabalho;

II - enfermidade incurável;

III - perda ou inutilização de membro, sentido ou função;

IV - deformidade permanente;

V - aborto.

Pena - reclusão, de 2 (dois) a 8 (oito) anos.

Os exemplos citados acima, se fossem tomar por base apenas a letra da lei, se enquadrariam perfeitamente ao Crime de Lesão Corporal, mas como são considerados permitidos pela sociedade não têm relevância penal.

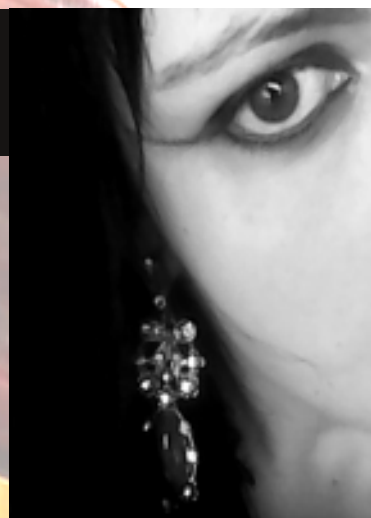
O BDSM apresenta nas praticas, várias consequências que negociam com o risco à incolumidade física.

Um mero spanking é algo que deixa resultados visíveis no bottom, e se forem olhados pelos olhos frios de um terceiro, que não viu o contexto, viu apenas as marcas, facilmente se enquadrariam ao crime.

Dando mais uma passeada pela Legislação temos que crime é o fato típico, antijurídico e Culpável. É necessária a vontade livre e consciente de causar um resultado, ou a inobservância de um dever de cuidado para que possamos ter um crime.

O BDSM tem como pilar absoluto a consensualidade, não importa a forma SSC, Hack ou TPE, só entra na relação e permanece nela quem assim deseja.

As práticas são conversadas e negociadas almejando o prazer como resultado.



Mas quais os limites? Até que ponto eu posso dispor do meu corpo e/ou do corpo de outrem em busca do prazer?

A doutrina penalista brasileira reconhece como causa supra legal de exclusão da ilicitude o consentimento do ofendido. Se eu permito que você quebre o vidro do meu carro, você não pode ser responsabilizado por isso.

Mas a pergunta que fica é: Se eu permito que você me cause uma lesão, eu tenho o direito de dispor de um bem indisponível na forma da lei?

O Entendimento majoritário hoje é que nos casos de lesão corporal leve é possível a exclusão da ilicitude pelo consentimento do ofendido. Essa vitória é relativamente recente, talvez um dos bônus da superexposição midiática do nosso meio.

Então desde que respeitados os limites e mantendo-se a funcionalidade do bottom, como já fazemos pelo SSC, não se pode colocar BDSM e crime na mesma frase.

A Lei Maria da Penha traz uma figura muito interessante que é a violência psicológica, que conforme o artigo 7º. II da lei 11.340 de 2006 seria qualquer conduta que cause à mulher dano emocional ou diminuição da auto-estima ou lhe prejudique o desempenho ou vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças ou decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, chantagem, ridicula-

rização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e autodeterminação.

E quando algumas ou várias dessas condutas descritas pela lei fazem parte da nossa fantasia?

Quem nunca, em uma D/s, restringiu ou teve a liberdade restrita? Quem tem fetiche por degradação como fica?

Essa questão é ainda mais delicada que a questão física, pois a lei é muito ampla e abstrata. Se formos pegar a pura letra da lei, tudo poderia ser enquadrado como violência psicológica contra a mulher. Faz-se necessário entender o contexto da lei.

A Lei Maria da Penha surgiu como resposta aos casos de violência doméstica e familiar contra a mulher. Quando a senhora que dá nome à lei foi espancada, eletrocutada e lesionada pelo marido, Maria da Penha denunciou o Brasil em organismos internacionais e estes reconheceram que o Brasil não era eficiente em coibir abusos e violência contra a mulher, A Lei veio como resposta a isso.

Não temos em nossa doutrina quase nada escrito sobre esse tema, mais creio eu, que se demonstrando a consensualidade, o desejo por aquela prática, e se respeitando os limites do bom senso, não há que se falar em violência psicológica.

Há muito que se estudar no campo jurídico sobre este tema.

Afinal quem sonharia a anos atrás que três pessoas pudes-

sem firmar um contrato de união estável e se declarar um casal, com direitos reconhecidos ante a sociedade?

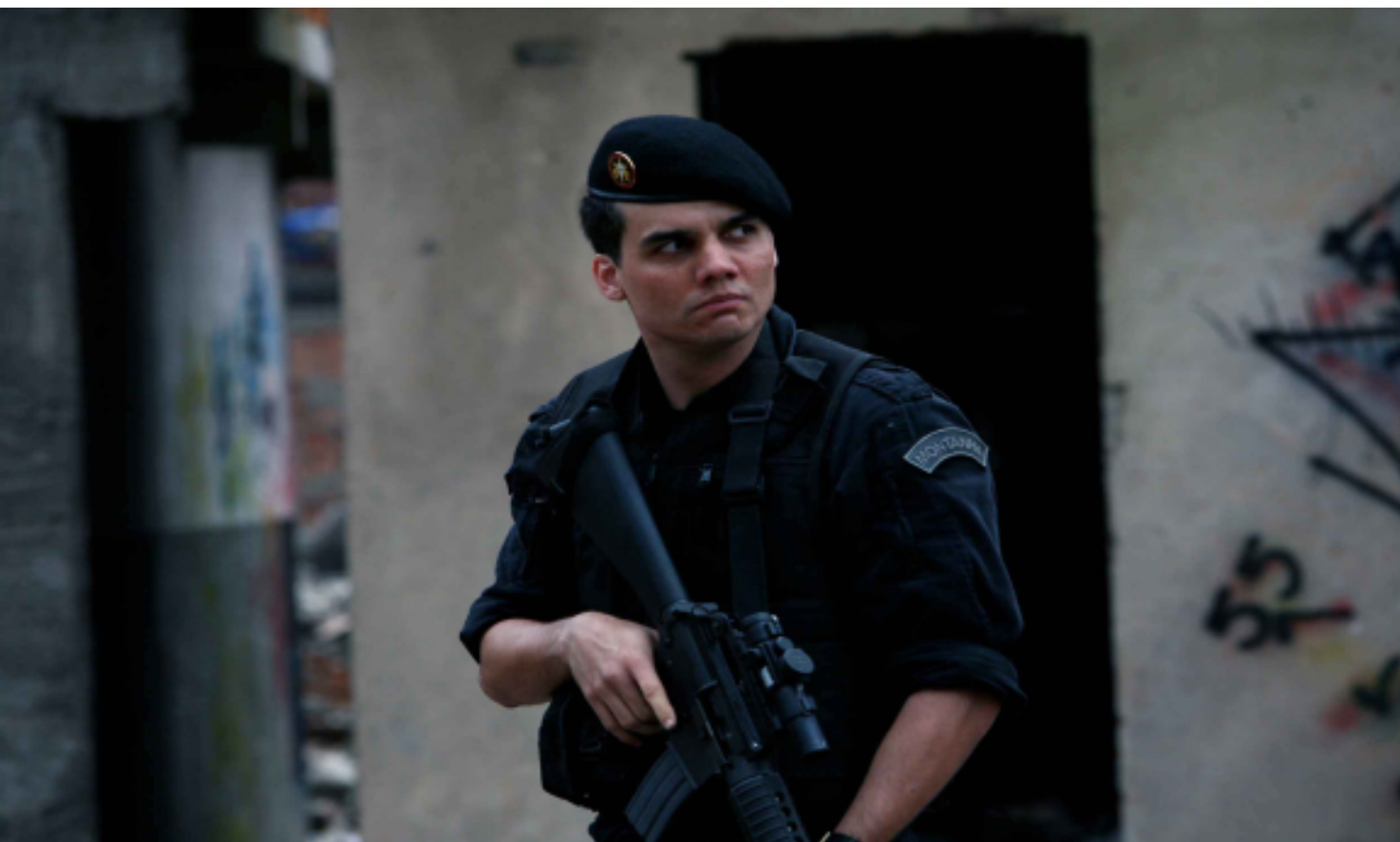
Temos conquistado pequenas brechas, como a evolução do pensamento da psicologia frente aos fetiches, o interesse da literatura em um tema antes considerado tão marginal, e a mídia com programas em rede aberta para debater o nosso estilo de vida.

Mas há muito que se fazer, e acredito que essa seja uma luta de toda a nossa comunidade nos mais diversos ramos, mostrando o BDSM como realmente é, uma das muitas formas alternativas, sãs, seguras, consensuais e prazerosas de sexualidade.

Afinal é mudando o costume social que ganharemos a atenção e quem sabe um dia uma maior proteção jurídica ao nosso estilo de vida.

Nota:

O presente artigo é uma livre interpretação da Lei para fins meramente informativos e reflete somente a opinião da autora, não podendo ser usado para outros fins, nem reproduzido em outro âmbito sem a devida autorização da autora.



UNIFORMES

Nesta edição, abordarei um pouco sobre a parte prática do fetiche envolvendo fardas. Uma parte bem conhecida deste fetiche (e talvez apenas a ponta do iceberg) é a noção que se tem, mesmo fora do meio BDSM, que “mulher adora homem fardado” (há, certamente, exceções à toda regra); mas o que haveria de diferente entre um homem fardado e um, por exemplo, com terno e gravata? Um ditado muito antigo diz que a beleza está nos olhos de quem vê; mas porque as mulheres tendem a ver os fardados com tão bons olhos? Pesquisadores disseram ter obtido de uma grande porcentagem das entrevistadas que o indivíduo fardado transmite uma impressão de virilidade.

No meu primeiro dia de serviço fardado na rua, eu tinha exatamente 19 anos e percebi claramente o assédio; demorou um bom tempo até eu entender que aquela excitação que eu sentia ao me fardar, o esmero com a farda e aquela sensação de autoridade, tinha mais a ver comigo do que propriamente com o a assédio do sexo oposto (e não raras vezes até do mesmo sexo)!

Foi assim que descobri um dos meus fetiches!

É bastante comum que a mulher queira ser revisitada pelo policial, salva pelo bombeiro ou ainda feita prisioneira pelo soldado; outra situação comum também é ela querer sentir o “poder” vestindo a farda e realizando alguma coisa típica de função.

Há uma outra vertente do fetiche que exclui os paisanos (como os militares se referem aos civis) e tem uma conotação um pouco mais séria que a descrita acima: o fetiche das armas (das forças armadas).

Neste fetiche, não há a Dominação/submissão como a conhecemos, mas sim Hierarquia e subordinação, distribuídas nas diversas patentes possíveis; neste contexto, muita coisa pode ser colocada em cena e há espaço para “sub-fetiches” como, por exemplo, o oficial voyeur que “determina” que o graduado transe com a soldado em seu escritório e o graduado por sua vez “determina” que a soldado cumpra suas ordens, ou ainda o superior hierárquico sádico que castiga seus subordinados em treinos e/ou exercícios ou ainda a humilhação verbal que pode ser bastante explorada. Vai da criatividade dos envolvidos (como em qualquer outro fetiche). Sempre lembrando que (também como em qualquer outro fetiche) deve ser observada a consensualidade entre os participantes.

O fetiche em si pode ser visto como um jogo de poder e, no fetiche das armas, a liturgia dá lugar às formalidades militares (como a continência, o “sim senhor/não senhor” entre outras) que devem ser observadas para as patentes superiores; uma parte muito importante, sem qualquer sombra de dúvida, é a composição do fardamento, que é a peça chave do fetiche; há todo um conjunto de regras para a indumentária militar e eu gostaria de colocar alguns detalhes sutis que os “paisanos” nem sempre conhecem:

Não se usa quepe ou bibico com outro calçado que não seja sapato; quando se usa boina, ou é com a farda operacional (como a do BOPE) e coturno ou com a farda formal (terno e gravata) e sapato; a bota, quase sempre é usada com boné (exceção da cavalaria que usa boina); medalhas, em geral, do lado esquerdo e brevês (o brevê é como um diploma por algum curso ou especialização que o individuo tenha) do lado direito, assim como a tarjeta com o nome; as patentes de oficiais são geralmente usadas no ombro e de praças (soldado, cabo e sargento) no braço; dependendo do tipo de fardamento, podem ser usadas como um broche na gola da camisa; as coberturas com aba (quepe e boné) dos oficiais maiores (de major pra cima) normalmente tem folhas de louros, indicando a alta patente daquele oficial.

Como montar a farda para o fetiche?

Algumas peças são exclusivas para as forças armadas e polícias, então, não é possível comprá-las e seu uso é proibido até mesmo para os integrantes das corporações quando não em serviço; há as que podem ser compradas (como algumas peças camufladas e outras cujas cores não sejam exclusivas das forças e polícias) facilmente pela internet; para quem mora em São Paulo e/ou região metropolitana, um passeio na Avenida Tiradentes pode ser bastante interessante: lá se concentram várias lojas de uniformes e acessórios militares; a vantagem é que você pode experimentar e ver se gosta, caso não tenha ainda certeza do tipo de fardamento que pretenda montar. Para quem não mora aqui ou prefere não se expor, há diversos sites que comercializam este material. Minha dica é a MILITAR BRASIL (tanto a loja física em São Paulo, quanto a virtual na internet): a gran-

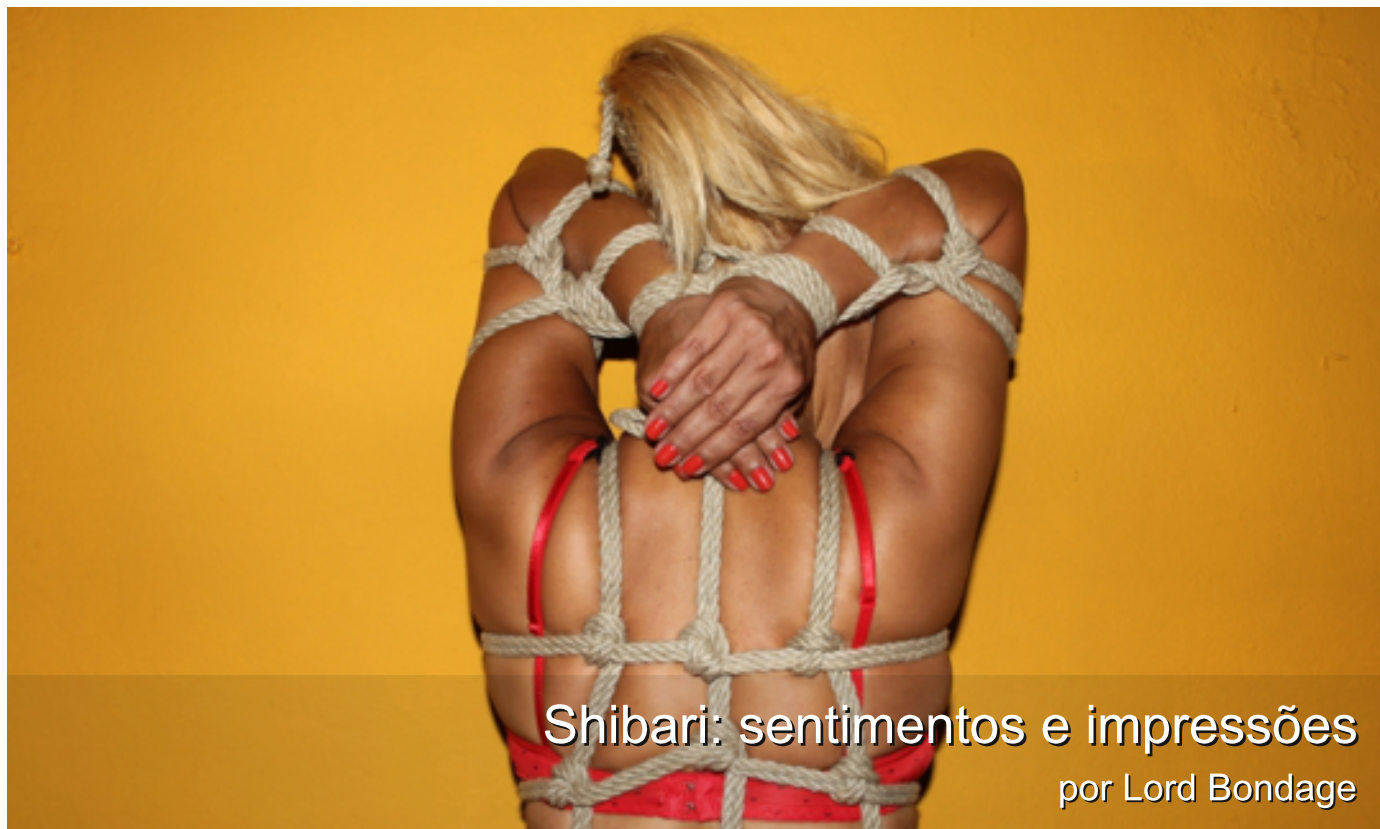
de maioria dos itens é de confecção própria e eles têm uma grande variedade de facas a preços ridículos! A boa notícia é que algemas de verdade (não aquelas de sex shop com plumas e trava de segurança) não são materiais restritos e podem ser adquiridas sem problemas (há, além das de pulso, as de dedo e de calcanhar).

Nos desfiles cívicos, quando vemos as tropas marchando, elas estão, na verdade, executando o que chamamos de ordem unida, que nada mais é do que movimentos sincronizados, executados mediante comandos (chamamos de voz de comando); os mais básicos são “sentido”, “descansar”, “meia volta” e “fora de forma”, porém há uma enorme gama de comandos e suas respectivas posições e seus significados; pra quem é militar isso é quase natural, pois é de prática constante na vida militar; pra quem não é, mas se interessa, a internet oferece amplo material para a pesquisa. Eu sempre fico impressionado com a sincronia e a perfeição com que desfila o exército chinês (uma busca no YouTube lhes dará uma noção do que digo).

Quando se trata de fetiche (qualquer que seja), criatividade é sempre muito importante; lembre-se disso!

No mais, que sejam bem-vindos os fetichistas recrutas!





Shibari: sentimentos e impressões

por Lord Bondage

Retirando o Véu de Ísis das cordas

Este Caderno encerrou a primeira matéria concluindo que a cultura milenar japonesa tem grande importância no processo de definição dos termos Shibari e Kinbaku. Muitas tentativas de defini-los foram realizadas, porém na grande maioria das vezes de maneira muito simplista. A palavra “Shibari”, que é proveniente da tradução do verbo “amarrar” em japonês, nada tem a ver com questões SM ou eróticas, sendo empregada em aspectos do dia-a-dia da vida dos japoneses. Tudo o que tenha a ver com cordas (nawa) e as amarrações tem uma forte implicação dentro da cultura japonesa, envolvendo sua história, religião, teatro tradicional, artes marciais e até mesmo seu particular e profundo senso de honra e do sagrado. Quando esta palavra é utilizada dentro de um contexto SM, toma outro sentido, aproximando-se da palavra “Kinbaku”.

Osada Steve, em 2012, o único Nawashi ocidental reconhecido como Sensei pelos próprios japoneses, assim expressou as diferenças entre Shibari e Kinbaku: “...Em minha linha de trabalho procuro realizar uma clara distinção entre Shibari e Kinbaku. Posso dizer que levei muitos anos para poder ter um entendimento sobre Shibari, e vou ao

meu terceiro ano para tentar decifrar os mistérios do Kinbaku. Shibari para mim é simplesmente amarrar em um estilo japonês e com uma estética japonesa, envolvendo aí todas as atividades como os shows ao vivo e quase todo o trabalho com vídeos. Para que uma sessão de cordas possa qualificar-se como Kinbaku, é necessária uma simbiose com a mulher, desenvolvendo uma conexão a fim de conseguir uma troca emocional que transcenda os meros aspectos técnicos das amarrações; é necessário tocar sua alma. E para evitar mal entendidos, não estou me referindo aos efeitos óbvios que as cordas podem provocar em uma pessoa que está sendo amarrada, o sub space das cordas”.

Todos os grandes Mestres de Cordas Japoneses usam a mesma linguagem nas suas definições de Kinbaku. Akeshi Denki, falecido em 2005, um dos maiores Mestres de Cordas do Japão que muito contribuiu para difundir o Shibari/Kinbaku na Europa e um dos primeiros a produzir um DVD explicativo sobre o assunto, disse numa entrevista: “...É a comunicação entre duas pessoas utilizando as cordas como um meio. É uma conexão estabelecida com uma corda entre os corações de duas pessoas. A corda deve abraçar com amor, como os braços de uma mãe abraçando seu filho”.

Cordas para os Orientais – especificamente os japoneses – carregam emoções, sentimentos, atitudes, história, religiosidade, guerras, dores, honra, vergonha, sexo, enfim, um contexto cultural milenar riquíssimo que, apenas conhecendo-o permite aos Ocidentais entendê-los. Sentir? Resposta não conhecida!

Confiabilidade das informações

Identificar e trabalhar com fontes bibliográficas acessíveis e confiáveis que apresentem dados históricos sobre as origens do Shibari/Kinbaku não é uma tarefa fácil. Poucas são as obras produzidas dentro de um contexto de pesquisa científica sério. A internet está recheada de informações sobre o assunto. Após digitar a palavra Shibari no Google, em 0,23 segundos mais de 1.180.000 resultados aparecem. Com o termo Kinbaku, esse número cai para 713.000. O grande problema é que muitas destas informações são discordantes, contraditórias. Quais estão corretas no que diz respeito à parte histórica? Uma parte desse dilema foi solucionada quando Master “K”, educador e pesquisador norte-americano publicou em 2008 o livro *The Beauty of Kinbaku - Or everything you ever wanted to know about Japanese erotic bondage when you suddenly realized you didn't speak Japanese* – (A Beleza do Kinbaku - Ou tudo o que você sempre quis saber sobre a escravidão erótica japonesa quando de repente percebeu que você não fala japonês), após iniciar sua pesquisa no Japão no início de 1970. Em outubro de 2013, “The Beauty of Kinbaku” foi traduzido para o japonês e publicado pela editora acadêmica Suriensha em Tóquio, no Japão. Esta obra é um divisor de águas dentro do contexto histórico do Shibari/Kinbaku e do próprio SM, pois a partir dela muito joio do trigo pôde ser separado. É esta obra que irá referenciar uma boa parte deste trabalho a partir de agora.

A palavra “Shibari”, que é proveniente da tradução do verbo “amarrar” em japonês, nada tem a ver com questões SM ou eróticas, sendo empregada em aspectos do dia-a-dia da vida dos japoneses.

O Japão espiritual, cordas e o homem sem pecados

Duas são as religiões predominantes no Japão: o Xintoísmo e o Budismo. A religião xintoísta, considerada originalmente japonesa, atualmente é praticada por cerca de 119 milhões de japoneses. É uma religião onde o culto às Divindades Naturais é muito presente. Shinto, literalmente significa “O Caminho dos Deuses”. O segundo personagem “To”, significa estrada. É constituída por um sistema panteísta ancestral, adorador de um sistema de crenças. “Shin” (também conhecido como Kami) é o termo genérico para os deuses, deusas, espíritos divinos e vários espíritos da natureza. As moradas de Kami são as águas, rochas, árvores, montanhas, e vários outros lugares ou objetos naturais, e são considerados sagrados pelos seus praticantes. Estes locais são

normalmente protegidos por uma shimenawa (uma corda de palha, arroz, algodão ou cânhamo enfeitada com papéis brancos sagrados).

Nesta religião as cordas e as amarrações representam um símbolo muito forte em várias outras atividades. A chinowa, um grande círculo feito

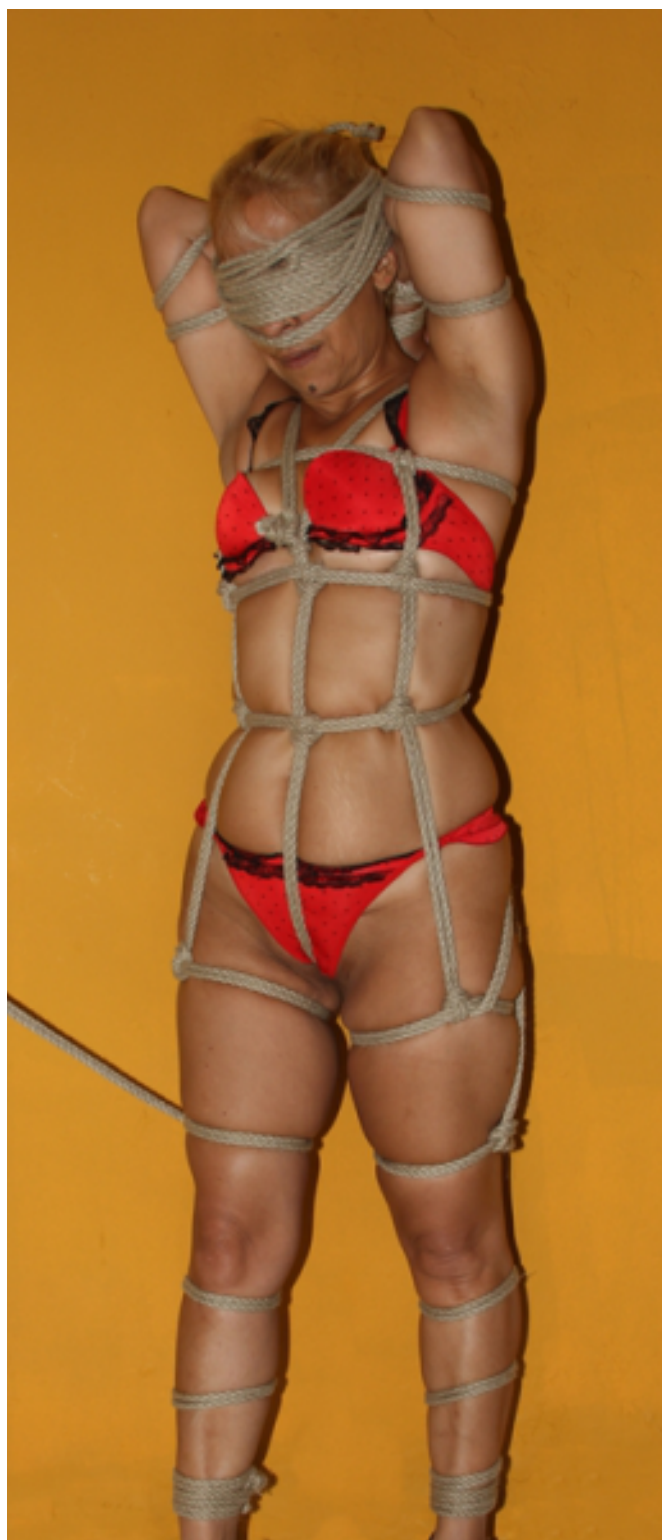
de junco ou cordas usa-se para purificação; o kadomatsu, formado a partir de 3 grandes rebentos de bambú e corretamente amarrados para receber o Ano Novo; a hinawa, um cabo fino iluminado em um santuário e depois trazido de volta para a casa para que todos os que lá vivem possam desfrutar de uma boa colheita e prosperidade durante todo o ano. Até o Sumô, tradicional luta japonesa teve origem no Xintoísmo como ritual para uma boa colheita, e as amarrações da tanga ou cinto (mawashi), feitas com cordas, tem olhar idêntico ao shimenawa, criando os espaços sagrados do xintoísmo. Vestindo este cinto o lutador de sumô realiza o Shiko (pisando no chão do espaço de luta livre primeiro com a perna direita e depois com a esquerda) para eliminar quaisquer maus espíritos escondidos no subsolo e para incentivar o Kami positivo a aparecer.

O budismo chegou ao Japão no ano de 539 da Coréia e hoje é praticado por mais de 100 milhões de pessoas. Chamado Bukkyo em japonês, o budismo é um sistema filosófico de prática mental e física rigorosa, que tenta acabar com todo o sofrimento por adesão às diretrizes éticas e espirituais estritas. Se oferece um código moral baseado na compaixão e não-violência e, através da meditação, uma forma de alcançar o discernimento espiritual. Foi fundada no nordeste da Índia há 2.500 anos e baseia-se nos ensinamentos de Siddhartha Gautama, que é conhecido como o Buda.

Muitos japoneses praticam o xintoísmo e o budismo simultaneamente. Esta dualidade é característica das atitudes tolerantes do povo japonês em relação à religião, onde ter uma mistura de várias religiões na vida diária é comum. Consequentemente, o xintoísmo e o budismo floresceram juntos (divindades compartilhando as mesmas terras sagradas) na maior parte da história registrada do Japão. Junto com a transmissão do budismo, o famoso texto sânscrito sexual do Kama Sutra também foi introduzido da Índia para o Japão no século VI d.C.

E se o leitor ocidental é surpreendido pela forma como a subordinação sexual, a espiritualidade e a religião foram perfeitamente combinadas e acomodadas pelos japoneses, deve ser lembrado que a cultura japonesa é muito diferente na orientação sexual de qualquer sociedade ocidental baseada em crenças judaico-cristãs. Vale citar a "Enciclopédia Internacional da Sexualidade - 2004" do Instituto Kinsey, por Robert Francoeur Ph.D. e Raymond J. Noonan Ph.D., editores gerais: "A religião xintoísta reconhece 'nem bom nem mal', de modo que o conceito de pecado e culpa pessoal tão comumente associada ao sexo nas culturas ocidentais não existe na tradição japonesa... Nem o Xintoísmo ou as muitas formas de budismo japonês têm a noção do pecado original nem a religião tem uma única divindade que atua como Legislador e Juiz Eterno do delito humano... O Japão é o único grande país industrializado que não tenha demonizado a sexualidade sob as rubricas do pecado, perigo e poluição."

Algumas conexões começam a fazer sentido na formação da cultura japonesa. Na próxima matéria outros aspectos dessa comunhão sem pecados, além de apresentar as influências do hojojutsu e de um passado feudal brutal, através das "punições oficiais", como precursores do shibari/kinbaku modernos.



Velas BDSM

Sem adição de produtos químicos que agriem a pele; baixo ponto de fusão, ideal para wax play.



Encomendas: leh.sl@hotmail.com



BREATHPLAY



Antes de tudo, note que a prática de asfixia erótica é perigosa e pode causar danos irreversíveis ou até a morte. O autor não incentiva e nem condena a prática. As informações con-

tidas neste artigo são meramente informativas. Ao segui-las o leitor estará assumindo o risco por conta própria. Siga sempre o SSC e o mais importante: Safeword.

No BDSM as máscaras de gás possuem diversos papéis, mas no Breathplay ela tem inúmeras utilidades. Elas podem proporcionar uma asfixia eficiente, controlada e intensa. A seguir serão listadas algumas práticas.

Rebreathing (Sufocamento)



A forma mais comum de Breathplay. Ela é executada de forma que a pessoa perca o ar gradativamente por algum meio mecânico. Esta prática permite que a asfixia seja lenta e duradoura, podendo potencializar o prazer. Ela pode ser feita de diversas maneiras:

- Colocando um saco plástico na ponta da máscara (sobre a válvula de entrada e saída de ar),
- Por um Rebreather, que é um sistema fechado onde o ar respirado é represado por um balão adaptado à máscara.

- Por perda de ar gradativa, devido ao esvaziamento de um cilindro de ar comprimido que está sendo usado para respirar.

Shared Breathing (Air Sharing)

Semelhante ao Rebreathing é uma forma muito admirada pelos Breathplayers. O maior atrativo desta técnica é a sensação de proximidade com o parceiro, transformando em uma experiência muito íntima.

Ela consiste em adaptar e conectar duas máscaras de gás entre si com dois canos, onde uma ponta do cano é conectada na saída de ar de uma máscara e na outra, na entrada de ar da outra máscara. Com o outro cano é feita a mesma coisa mas de forma inversa. Isto cria um sistema fechado e faz com que o casal se sufoque junto.

Uma variante desta técnica é feita apenas usando um cano. Isto faz com que só uma pessoa consiga respirar ar fresco, enquanto a outra respira parte do ar usado do parceiro. Esta técnica pode não ser tratada como uma asfixia em si, mas apenas uma redução da concentração do oxigênio respirado, já que o suprimento de ar fresco nunca é cortado de fato.

Asfixia



É uma forma mais direta de asfixia. Consiste em cortar repentinamente o fornecimento de ar da pessoa. Este tipo de técnica geralmente é executada de forma breve já que é feito de forma abrupta e não “rende” muito.

A forma mais simples de se executar é tampando a entrada de ar de uma máscara com a mão, um pedaço de filme plástico ou fita adesiva ou fechando abruptamente um cilindro de ar comprimido ligado à máscara.

Gas Mask Snorkeling



Esta técnica é mais intensa com aqueles que não tem muita experiência com mergulho ou natação. Consiste em uma pessoa com máscara de gás e cano de extensão submersa em uma banheira ou piscina e deixa-se somente parte do cano na superfície.

O ambiente em volta e, em alguns modelos, a entrada de água de forma bem lenta e gradativa na máscara (afinal ela não foi projetada para mergulho) faz com que seja um jogo psicológico muito intenso. Geralmente isto é suficiente para deixar alguns com uma “asfixia psicológica”, ou seja, a mente da pessoa acha que está se afogando e inconscientemente prende a própria respiração, portanto, a “asfixia” é causada pela própria pessoa. Por ser algo mais psicológico, esta técnica pode ser efetiva apenas para alguns tipos de pessoas.

Bubble Bottle

O Bubble Bottle é uma invenção muito interessante. Consiste em uma garrafa plástica com um tubo conectado na boca da garrafa até a entrada de ar da máscara. No corpo da garrafa é feito um pequeno buraco e inserido um canudo que vai até o fundo. Dentro da garrafa é colocado um líquido. Alguns preferem perfume diluído, outros preferem encher com urina, e outros simplesmente com água.

A mecânica é muito simples. Para se conseguir respirar é necessário gerar pressão negativa dentro da garrafa a fim de forçar a entrada de ar ambiente pelo canudo e passar pela coluna de água. Assim como no Air Sharing, dependendo da configuração, ela não é uma técnica de asfixia em si, ela somente dificulta a respiração.



Squeeze to Breath

Outra invenção muito interessante. Consiste em um conjunto de cano e um balão especial. Este balão, muitas vezes modificado de um balão de oxigênio medicinal, é construído de forma que ele só permite a entrada de ar se for apertado, como se fosse uma bomba de ar. Para respirar é necessário que o usuário fique apertando este balão para manter o fluxo contínuo de ar, o que pode ser difícil se estiver amarrado ou em êxtase durante a cena.

Como pode ser visto nesta matéria, há inúmeras formas de asfixia. Muitas delas requerem somente criatividade do praticante. No entanto não se deve esquecer que se trata de uma Edge Play, então exige cuidados, pois qualquer desliz pode se tornar numa tragédia. É necessário planejar as cenas antecipadamente e ter um plano de contingência. Sempre combine a safeword e lembre-se do SSC. Toda prática deve ser feita ou acompanhada por pessoas experientes. Não seja manchete dos jornais no dia seguinte.



Cordas de juta para Shibari

*Tratadas e oleadas, de 5mm ou 6mm
de espessura, 7,5m de comprimento.*

Lord Bondage



Skype: lordbondage
email: lordbondage@hotmail.com
tel: +55 11 98565-1554



CILICIO

Como é luminosa a minha escuridão!

O cilício é um instrumento para a prática ascética. O ascetismo cristão tem por objetivo a penitência, a expiação dos pecados, o controle das coisas desordenadas em nossos corpos. Aplacando assim a Santa Ira Divina sobre nós, nossas famílias e a humanidade inteira.

O Cilício tem sido usado em vários momentos da história da fé cristã para os efeitos da mortificação da carne ou como penitência. Praticada há séculos, o uso do cilício tem sido comum na vida dos Santos, como São Francisco de Assis, São Thomas More, Santa Teresa de Lisieux, o Papa Paulo VI, São Padre Pio e Madre Teresa de Calcutá.

Mortificação corporal ou mortificação da carne é a prática espiritual ou não de causar dor a si mesmo através de lesões corporais. Isso é feito com o objetivo de se autoconhecer ou de crescimento espiritual, de auto sacrifício aos deuses ou à comunidade, ou da expiação de pecados.

Modernamente tem sido substituído por instrumentos mais discretos que produzem efeito corporal similar.

Cilício no BDSM:

É usado como objeto de tortura por Sádicos para gerar sangramentos, cicatrizes e marcas... Uma forma de impor disciplina e poder sobre seu escravo.

Visa à práticas de meditação e de interiorização em que a alma, desprendida de qualquer perturbação material se abre conectando intimamente com seu DONO... Porque quando existe essa conexão, quando existe esse vínculo unindo dois praticantes, o círculo se fecha e se tornam UNO.

O SM erótico que vivemos numa sociedade sadomasoquista é uma relação afetiva. Onde só existe a real entrega se existir amor. É tão complicado, tão labiríntico, tão contraditório, como qualquer outra relação, mas com um enorme diferencial. É a única, com exceção do amor romântico, onde é possível viver o amor com toda a sua intensidade. Até porque nada é mais parecido do que o amor romântico e o sadomaso-quismo.

Como caminhar na franja estreita da conjunção entre a dor e o prazer, entre o consento e a obediência sem o conhecimento profundo do outro que só o amor permite?

Sob o ponto de vista de um sádico, as coisas são ainda mais claras e precisas. Como fazer sofrer alguém que não se ama? Como impingir dor em alguém que não se deseja? Como impingir sofrimento e agonia em alguém se não existe o cuidado com a alma?

Seria crueldade apenas. Sadismo puro.

Sim, o sadomasoquismo é uma forma intensa e muito profunda de amor. Na verdade é a mais profunda maneira de amar. Um amor que sabe das diferenças, que sabe da alegria de ter o outro e de ser de outro.

‘Só vou te punir, porque te amo. Só vou te fazer sofrer porque te amo. Porque sei que o amor é profundo e eterno, e rima perfeitamente com dor. Só vou te punir porque sei que amar é sofrer, e fazer sofrer’. (by SadicoDominador).

Teu corpo é fácil de ter, sei onde moram teus desejos, sei onde buscar tuas dores e prazeres. Mas eu quero mais, quero tua alma. Quero possuir teus anseios, tuas virtudes, teus medos. Quero antecipar tuas paixões, adivinhar teus encantamentos.

Quero tua boca seca, teus olhos marejados, teu coração aos pulos. Quero teus segredos nus ao meu olhar indiscreto. Eu sei e você sabe que você só o é, por mim, que seja por mim então. Que tua alma seja minha, para que você seja você. Livre!

Com essa visão e pensamento o Sádico utiliza esse mítico instrumento com esse intuito... Libertar a alma do escravo, para que ele seja, finalmente, livre de fato. Livre dos pudores. Livre das vergonhas. Livre de sua culpa.

Utilizando o cilício o Sádico permite que a alma do escravo se desprenda da sua ligação carnal e evolua para o espiritual!

Da minha experiência com o cilício:

Ao colocar o cilício, deparo-me com uma dor, mas não uma dor como muitos dizem ser louca, atroz, sem noção ou aberração, mas sim uma dor su-

**"Só vou te punir, porque te amo.
Só vou te fazer sofrer porque te amo. Porque sei que o amor é profundo e eterno, e rima perfeitamente com dor. Só vou te punir porque sei que amar é sofrer, e fazer sofrer"**

(by SadicoDominador)

blime, porque quando me deparo com ela, vejo não apenas a minha dor, mas a dor de todos os sadomasoquistas... Não há maneira mais eficaz para compreendermos o próximo e ficarmos próximos dele, do que a dor.

Por mais compreensíveis que sejamos e por mais eficaz que seja a nossa empatia, nada se compara quando sentimos a dor e nos igualamos a outro praticante. Quando sentimos essa dor, nós nos aproximamos de uma forma muito forte de outros membros desse Universo. Nesse momento, conseguimos compreender na prática e na carne o que ele sentiu e o que ele sente, assim como quando vemos uma pessoa sentir uma dor que já conhecemos e compreendemos perfeitamente o que ela está sentindo.

Nesse instante posso saborear cada segundo como se fosse único e sentir tal proximidade com outros praticantes de uma forma intensa e gratificante.

Eu sinto o peso da carne e do que estamos sujeitos pela carne. Com esse exercício torno-me próxima de outros sadomasoquistas e saberei compreender minhas dificuldades e as dificuldades deles e começarei a aprender a ser mais humilde e a ter consciência do quão importante e necessário é sentir a dor para limpar a nossa alma ao mesmo tempo em que a alimenta.

Percebemos o quão somos necessitados dessa dor que dilacera nossa alma, que queima nossas entranhas e para enxergarmos com clareza o que somos.

E quão grandioso e sublime é perceber e principalmente entender quem somos enquanto usamos

o cilício, que sensação prazerosa. É indescritível a sensação de proximidade e de identificação. Apenas quem conhece essa mítica dor sabe do que estou falando e o quão reconfortante, grandioso, e sublime é este momento.

É possível perceber nesse instante, certos aspectos compreensíveis da mortificação voluntária, como a solidariedade no sofrimento, o domínio do corpo, a conveniência de uma livre rebelião à tirania do prazer.

A dor interior se refere ao sacrifício, no âmbito da inteligência e da vontade. A dor corporal se refere ao sacrifício dos sentidos. A atividade sensível, que se exerce seja debaixo da forma do conhecimento sensível pelos sentidos exteriores ou pela imaginação, seja debaixo da forma de apetite sensível ou de paixão.

A atividade racional e livre, princípio de nossos pensamentos, de nossos juízos e das determinações de nossa vontade. Consideraremos a manifestação exterior da vida de nossa alma, ou nossas ações exteriores. E, finalmente, o intercâmbio de nossas relações com o próximo.

Também utilizo o cilício em rituais de purificação como mortificação dos sentidos, da mente e de minha alma. Nesse momento, fecho meus olhos, diante de tudo e todos e inclusive tenho a valentia de fechá-los diante de todo espetáculo vão e inútil. Vejo sem olhar; não me fixo em ninguém e aprendo a ver todos como seres iguais.

Tenho meus ouvidos fechados às palavras bajuladoras, aos louvores, às seduições, aos maus conselhos, às maledicências, às zombarias que ferem, às indiscrições, à crítica malévola, às suspeitas comunicadas, à toda palavra que possa causar o menor esfriamento na minha alma.

Sinto nesses momentos como se estivessem jogando pétalas de rosas em minha alma e extasiada me liberto e me permito viajar por lugares desconhecidos. Eu me permito ir a lugares que nenhum outro ser humano jamais sequer imaginou existir.

Quando mergulho nesse transe espiritual um denso e grande tesão se apodera do meu ser. Uma luz me envolve e nessa hora nenhum mal pode me tocar e todo o bem cabe em mim. Nesse momento sublime, todas as coisas, mesmo as pequeninas, ganham tal dimensão que minha alma se avoluma a ponto de não caber em meu corpo.

Nesse transe espiritual nenhum mal que outros façam, me atinge. Tenho plena consciência que nunca deixarei a minha felicidade à refém a algo que não dependa apenas de mim e minha alma.

Nesse transe meu orgasmo se prolonga até o infinito, mental, sem pressa, não físico. Meu gozo é denso porque nesse instante telúrico sou cidadã do universo e viajo sem destino pelo subspace. Sou um raio de luz e como um cometa deslizo através de todos os mundos existentes.

Nesse momento mágico não sou melhor porque me elogiam, nem sou pior porque me criticam, sou, na verdade, o que sou e o que eu penso e vivo. Sou apenas a luz da minha consciência.

Nesse momento mágico, sou livre de toda soberba e mesquinhez. Nesse momento orgástico eu sei o que é sentir a humilde grandeza de querer servir ao VERDUGO.

Nessa hora não sou nada diante do poder DELE, mas sinto que sou merecedora de todo seu imenso amor.

Nesse momento de gozo, euforia, liberdade e poder eu me conecto ao VERDUGO e nos tornamos UNO. Eu ouço o pulmão dele e eu viajo no doce ritmo de sua respiração. Eu consigo sentir as batidas do seu coração e entro no mesmo ritmo... Eu ouço o sangue dele ferver e correr alucinadamente pelas veias e o meu fluxo sanguíneo se conecta na mesma temperatura e velocidade.

VERDUGO possui a chave que abre as portas que o conduzem aos labirintos obscuros de minha mente. ELE me conduz à luz no final do túnel. ELE me liberta, me faz livre e me concede o gozo mais excepcional e puro.

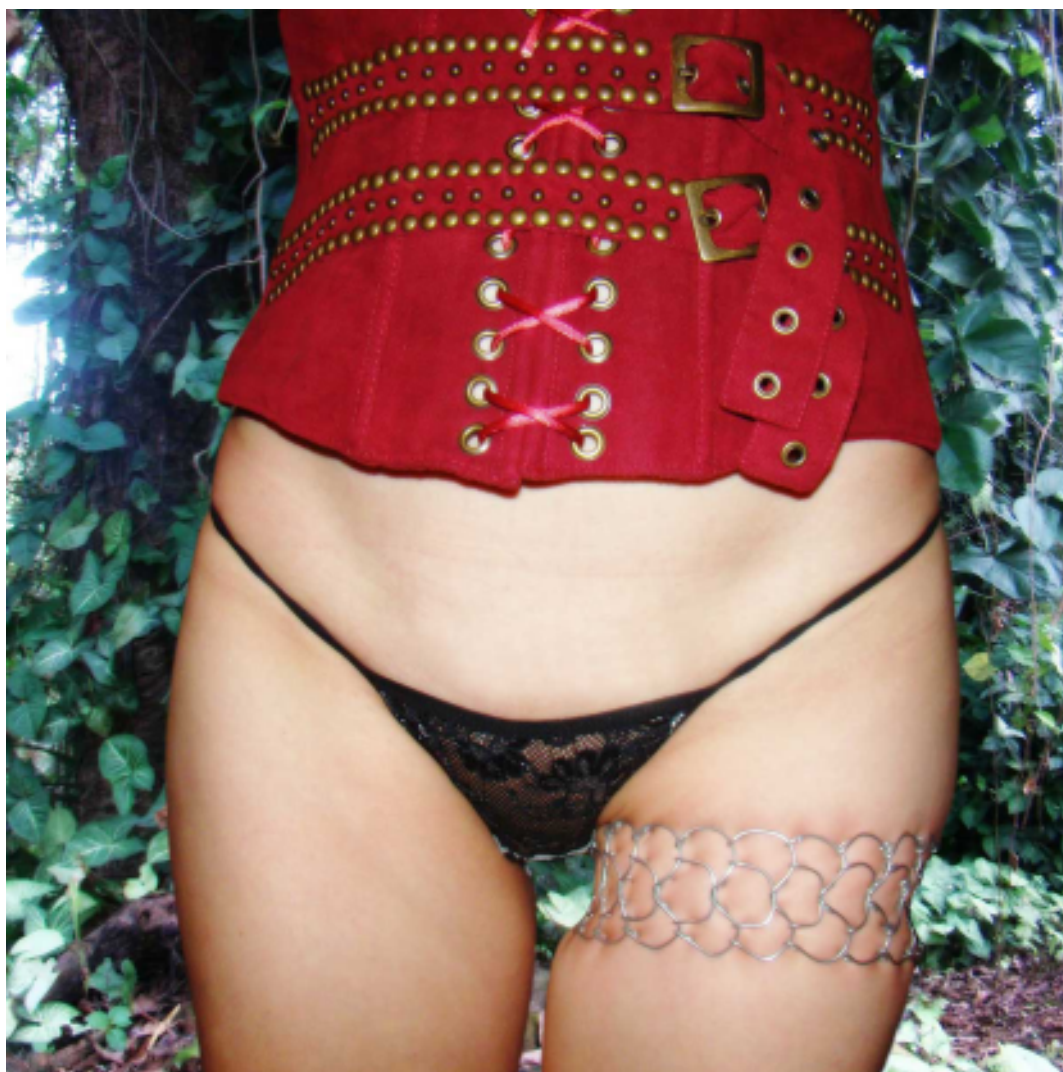
E livre de todas minhas máscaras e pudores, eu desço aos pés DELE... Livre eu me curvo e presto reverência diante daquele que possui meu corpo, minha mente, minha alma e meu coração.

Nesse instante sublime eu permito ao VERDUGO cicatrizar minhas feridas e curar minhas dores. ELE me faz livre das correntes que me prendem. ELE toca minha alma e faz de mim o seu querer!

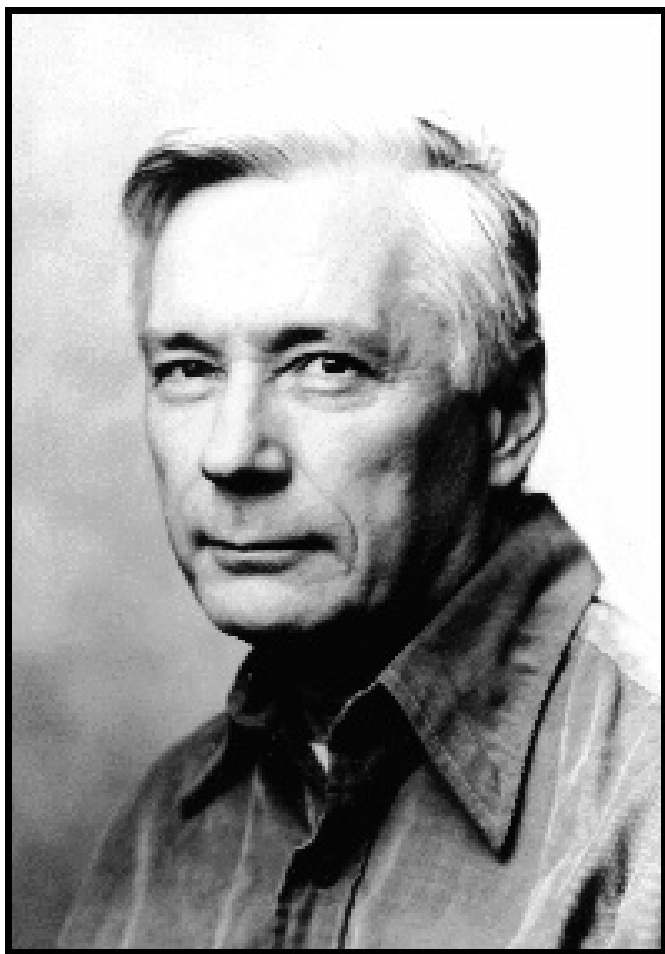
Por isso eu amo a dor do alívio que o cilício me proporciona e espero que um dia todos possam vivenciar este momento ímpar em nossa vida sadomasoquista.

Que todos tenham a percepção do poder devastador de um simples cilício na vida de um sadomasoquista. Não pelo que é... Mas definitivamente pelo que representa.

Um beijo especial e muitos prazeres.
Cris_VERDUGO



JOHN NORMAN



Você já ouviu falar sobre o Doutor John Frederick Lange Junior?

Poucos amantes do BDSM e de GOR o conhecem por este nome. Muitos se referem a ele apenas como John Norman, o pseudônimo/personagem que ele usa para escrever as crônicas de GOR. Foram as ideias deste homem que impulsionaram o que ele mesmo chama de “fenômeno goreano”.

Até agora 33 livros foram escritos por ele, nos quais uma controversa filosofia se encontra diluída em uma saga de ficção científica. Nada é simplesmente o que parece, e o leitor atento encontrará entre as batalhas e estratégias das histórias de suas carismáticas personagens, muitas referências camufladas ao nosso mundo e à nossa sociedade. Críticas pesadas aos que negam as diferenças biológicas e psíquicas entre homens e mulheres serão notadas. John F Lange Jr arriscou sua popularidade, abraçando a controversa questão da diferença de gêneros. Pagou por isso um alto

preço. E hoje, aos 82 anos, continua produzindo, em um ritmo impressionante.

GOR há muito tempo saiu dos livros e ganhou vida própria. A cada dia, em várias regiões do globo, mais pessoas passam a definir-se como goreanas.

Alguns transformam GOR em um jogo erótico, um role play vivido nos ambientes virtuais, como o Second Life. Outros entendem GOR como uma filosofia, ou mesmo um estilo de vida. Dentro da comunidade BDSM brasileira, os goreanos se reúnem e realizam eventos independentes, nos quais vivem seus fetiches juntamente com outros praticantes. As kajiras, mulheres que encontram seu prazer erótico como escravas, aprendem a servir seus Masters de acordo com a liturgia encontrada nos livros.

John Frederick Lange Junior nasceu em 1931, em Chicago, Illinois. Ele é casado com Bernice L Green e tem três filhos. Atualmente leciona filosofia em uma universidade nos Estados Unidos. Em 1963 recebeu o título de Doutor em filosofia pela Princeton University.

No final dos anos sessenta (1967), publicou o primeiro livro da série, Tarnsman of Gor.

Além dessa série de livros, John Norman também publicou Time Slave (1975) e Ghost Dance (1979). A preocupação com a natureza dos gêneros recorre nestes trabalhos escritos paralelamente. Também foram escritos três livros de uma outra série, chamada "The Telnarian Histories":

The Chieftain (1991)
The Captain (1992)
The King (1993)

Em 1974 também foi escrito um livro intitulado "Imaginative Sex", que também é regido pelas regras da dominação masculina e submissão feminina, porém não se trata de uma obra de ficção.

Após envolver-se com o controverso tema, John F Lange teve seu nome rejeitado ao tentar palestrar em diversos congressos internacionais. Grupos feministas radicais norte-americanos se manifestaram no sentido de censurar os livros de GOR.

Até a editora que os havia publicado, foi à falência após essa jornada. John F Lange poucas vezes se manifestou a este respeito, tendo dito, apenas que

***“GOR é um mundo de ficção.
Muitos não gostariam que ele existisse. Mas ele existe.”***

Em 2007, no site GOR CHRONICLES (www.gorchronicles.com), foi publicada uma carta do próprio John Norman, na qual ele demonstra estar surpreso com o fenômeno Goreano que se espalhou por todo o Globo, e relata seu desejo de que isso continue. Para ele, importa que os homens e mulheres tenham liberdade para serem eles mesmos.

CRONICAS DE GOR

- 
- | | |
|----------------------------------|-------------------------------------|
| 01. Tarnsman of Gor (1967) | 18. Blood Brothers of Gor (1982) |
| 02. Outlaw of Gor (1967) | 19. Kajira of Gor (1983) |
| 03. Priest-Kings of Gor (1968) | 20. Players of Gor (1984) |
| 04. Nomads of Gor (1969) | 21. Mercenaries of Gor (1985) |
| 05. Assassin of Gor (1970) | 22. Dancer of Gor (1986) |
| 06. Raiders of Gor (1971) | 23. Renegades of Gor (1986) |
| 07. Captive of Gor (1972) | 24. Vagabonds of Gor (1987) |
| 08. Hunters of Gor (1974) | 25. Magicians of Gor (1988) |
| 09. Marauders of Gor (1975) | 26. Witness of Gor (2001) |
| 10. Tribesmen of Gor (1976) | 27. Prize of Gor (2008) |
| 11. Slave Girl of Gor (1977) | 28. Kur of Gor (2009) |
| 12. Beasts of Gor (1978) | 29. Swordsmen of Gor (2010) |
| 13. Explorers of Gor (1979) | 30. Mariners of Gor (2011) |
| 14. Fighting Slave of Gor (1981) | 31. Conspirators of Gor (2012) |
| 15. Rogue of Gor (1981) | 32. Smugglers of Gor (Outubro 2012) |
| 16. Guardsman of Gor (1981) | 33. Rebels of Gor (Outubro 2013) |
| 17. Savages of Gor (1982) | |

CONTOS BDSM

As Aparências Enganam

Como Diretora de uma grande empresa, tenho sob minha responsabilidade vários funcionários. De temperamento forte, exigente, detalhista e extremamente dura no comando além de muito observadora, estou sempre cobrando perfeição e não admito erros. Meus funcionários têm que ter pensamento rápido, atitude e serem participativos. Peter é um desses funcionários e trabalha há um bom tempo na empresa. Um homem detestável. Sem personalidade e determinação, está sempre esperando ordens e não consegue tomar atitudes e decisões. Minha hostilidade a ele é visível e quanto mais hostil me revelo, mais fraco ele se torna. Mas é um excelente criador de idéias e é isso que o mantém na empresa. O dia é sempre corrido e mal temos tempo de falarmos uns com os outros a não ser sobre o trabalho. O contato é estritamente profissional e detalhes da vida pessoal de cada um não me interessam nem um pouco.

Num desses dias em que parece que nada dá certo e tudo se complica ainda mais, fiz um esquema do que eu tinha em mente e entreguei a Peter para que ele desenvolvesse a idéia o mais rápido possível. Ordenei que fizesse um esboço para que eu pudesse ter uma primeira idéia para só então ele dar prosseguimento. Senti-me aliviada quando ele saiu da minha sala com aqueles passos lentos e corpo encolhido como se estivesse carregando o mundo nas costas.

Saí para o almoço, decidida a fazer uma refeição leve e rápida, pois tinha muitas questões a resolver ainda. No meio da refeição o celular tocou. Era um cliente que estava com problemas em adaptar nosso projeto às suas necessidades. Combinei que iria até a empresa dele assim que terminasse de almoçar. Chegando lá, logo descobri que perderia muito tempo ali e liguei na empresa para avisar. Ainda dei ordens expressas ao Peter que terminasse logo o que Lhe havia mandado fazer.

Fiquei a tarde toda na empresa do cliente tentando resolver as pendências até que tudo finalmente

ficou pronto. Despedi-me e sai, percebendo que havia escurecido e que já era mais tarde do que eu imaginava. Liguei imediatamente para o escritório e Peter atendeu. Conversamos e ele me disse que o esboço estava pronto e que até já tinha desenvolvido alguns projetos em torno dele se acaso eu o aprovasse. Espantada eu disse que precisava mesmo resolver aquilo ainda hoje, mas por estar do outro lado da cidade não voltaria para a empresa e, portanto ele poderia ir embora. De repente, ouço uma voz insegura, titubeante dizer:

- Se a Senhora quiser posso esperá-la na minha casa, que não é tão longe da empresa e lá poderemos conversar sobre o projeto.

Na hora respondi que não. Não gostava de tratar de trabalho fora da empresa e muito menos dar confiança a funcionários. Imagine... Eu... Na casa de-le? Afe... Seria enervante demais. Quase ia desligar, quando lembrei que precisávamos desse projeto o quanto antes e tinha sido ele a se oferecer para trabalhar depois do expediente. Pensei me-lhor e mudei de idéia:

- Está bem; se não se importa então, posso ir à sua casa para discutirmos o projeto. Me passe o endereço.

Assim que me passou o endereço eu disse que estaria lá em 40 minutos e desliguei.

Cheguei à porta do edifício onde ele morava e constatei que era um prédio bonito de classe média. Estacionei o carro e pedi ao porteiro que me anunciasse. Assim que tive permissão, peguei o elevador e assim que ele parou, vi que Peter me esperava no hall de entrada. Eu o cumprimentei, sem deixar de notar que ele estava diferente. Percebia-se que acabava de sair do banho... seu perfume exalava no ar um cheiro delicioso. Não aparentava aquela fragilidade de sempre. Estava de calça jeans e uma camiseta casual com um sorriso enorme no rosto.

Entrei e pude ver um belo apartamento com decoração moderna, de cores suaves e bem

iluminadas. Enquanto eu observava os detalhes ele me serviu uma taça de um delicioso vinho. Comecei a bebericar e logo percebi o silêncio em que nos encontrávamos e resolvi rompê-lo.

- Bonito seu apartamento... De muito bom gosto. O vinho também está delicioso, mas vamos ao trabalho que é o que nos interessa.

Com um sorriso, ele assentiu, ofereceu-me a cadeira da sala de jantar e nos sentamos para discutir o projeto. Eu dividia a atenção entre o projeto e àquele "novo" homem que estava em minha frente. Forte e inteligente, demonstrava um poder de persuasão forte. Estava longe de ser aquele homem robot da empresa. Seu cheiro já me entontecia, e eu tratei logo de colocar a atenção no projeto novamente. Discutimos o projeto todo e ele me ouvia atenta e pacientemente. Quando tudo ficou resolvido e decidido, me levantei para me despedir, já com aquele meu ar arrogante e prepotente. Quando ia me dirigir à porta ele simplesmente me virou, me puxou e me deu um beijo intenso. Tentei me livrar, mas quanto mais me movia, mais ficava presa a ele.

Sem poder fugir àquele beijo, me entreguei e senti a língua dele explorar minha boca como se estivesse me tomando inteira. Sua língua quente e úmida na minha boca me causava calafrios e o desejo tomou conta de mim... Mas eu precisava sair dali... O que estava acontecendo fugia ao meu controle. Nesse momento ele me pegou pela mão, me puxou para o quarto jogando-me na cama, beijando minha boca meu pescoço e passando a mão pelo meu corpo. Senti-me em chamas, mas estava consumida pela raiva. Ele não podia me dominar dessa forma.

Ele, ignorando meus sentimentos e minhas tentativas de me livrar dele, algemou minhas mãos à cama e num ímpeto arrancou minhas roupas me deixando exposta. Amarrou meus tornozelos aos pés da cama. Brincou com meus seios, lambendo, mordendo, beliscando....eu me debatia e ele sorria. Voltava a me bolinar, agora descendo ao meu sexo, me deixando louca de desejo. Eu estava toda molhada com o seu toque... Com a forma como ele fazia isso. Tocava-me, me penetrava com os dedos me alucinando. Comecei a me ajeitar

para que seus dedos me dessem mais prazer e quando pensei que meu gozo fosse chegar ele me esbofeteou no rosto dizendo:

- Eu sempre soube que você era uma vadia!!!!

E riu sarcasticamente. Senti um arrepio percorrer a espinha ao vê-lo pegar um chicote e ameaçá-lo no ar. Meu corpo tremeu. Abriu ainda mais minhas pernas, pegou o resto do vinho que eu havia deixado desdenhosamente na taça e o derramou lentamente pelo meu corpo. O vinho se espalhou rapidamente me causando uma excitação quase insuportável. Em seguida, vagarosamente percorreu com a língua o caminho do vinho, lambendo todo o meu corpo. Minha buceta encharcou. O fogo do desejo tomou conta de mim e quando pensei que fosse gozar novamente ele pegou o chicote e me chicoteou tanto a ponto de eu pensar que meu corpo ia se dilacerar. A cada chicotada meus gritos se tornavam mais fortes e minha resistência ia se acabando. Eu estava louca de raiva... De medo... E de tesão... sim... de tesão. Não entendia como, mas aquilo tudo me dava um tesão que nunca tinha sentido antes. Quando parou de me chicotear, passou a mão pelas feridas, alisando-as. Essa atitude me trouxe ainda mais lágrimas aos olhos.

Esticada de bruços na cama e amarrada eu estava longe de ser aquela mulher altiva e arrogante do escritório. Sem esconder o choro, eu demonstrava toda a minha fragilidade e desejei estar nos braços daquele homem... Ser tomada por ele.

Ele me desamarrou e me fez levantar. Levou-me ao banheiro e ordenou que eu tomasse banho e me vestisse. Esperou, observando cada gesto meu. Assim que terminei, voltamos à sala, onde ele entregou-me a bolsa e a pasta com o projeto; despediu-se de mim com um beijo, abriu a porta, chamou o elevador e sem nenhuma palavra fui embora.

Depois de uma noite mal dormida, cheguei no escritório no dia seguinte e logo avistei Peter. Corei, sentindo uma vergonha extrema, mas ele se dirigiu a mim, com aqueles passos lentos e insegurança de sempre e me disse:

- Senhora, por favor, gostaria que avaliasse esta nova idéia.

Arranquei a pasta da mão dele os olhos faiscando, ordenei que saísse da minha sala e abri a pasta. Dentro tinha um bilhete que dizia:

"De hoje em diante você é minha. Vai me obedecer e se entregar a mim como uma vadia que é. Quero você em casa hoje novamente às 20 horas"

Rasguei o bilhete com tanta raiva que não sobrou nada. E a raiva tinha um motivo: eu sei que iria... Que seria dele... E que o obedeceria.

O dia passou lentamente. Não consegui me concentrar no trabalho; Peter não saía de meus pensamentos e as palavras daquele bilhete martelaram meu cérebro o dia todo. Eu estava com tanta raiva que fui rude com todos os meus funcionários e às vezes percebia Peter me observando com um olhar indescritível. A raiva só aumentava e meu trabalho não rendeu nada naquele dia. Aliviada vi o dia chegar ao fim, arrumei a papelada em cima de minha mesa para poder sair correndo dali. Passei pelas mesas dando um boa noite geral, quando ouvi de Peter a frase:

- Esteja lá pontualmente às 20:00hs!

Disse isso em voz baixa e quando olhei para ele, piscou com um sorriso disfarçado.

Saí de lá batendo a porta e ao chegar à rua parei e me recostei na parede do prédio para respirar. Percebi que além de possessa eu estava excitada, com a calcinha molhada. O manobrista trouxe meu carro e rumei para casa com os pensamentos voando alto. Assim que cheguei, recebi uma mensagem no celular dizendo: " Venha sem calcinha e totalmente depilada" . Joguei o celular com força no sofá e as lágrimas invadiram meu rosto. Eram lágrimas de revolta...de raiva... quem ele pensa que é? Como ousa me tratar assim? Mas ele não perde por esperar, amanhã mesmo vou mandá-lo embora da empresa. Ele que vá para bem longe de mim.

Arranquei a roupa e tomei um banho morno para me acalmar. Mas quanto mais eu pensava em Peter mais excitada eu ficava. Senti o meu tesão...louco...incontrolável... me toquei até explodir no mais longo e intenso gozo. E vieram mais gozos. Tão intensos quanto o primeiro. Não sei quanto tempo fiquei ali no banheiro me deixando levar pelo prazer que sentia. Foi quando fui tirada dos meus devaneios com o toque da campainha. Desliguei o chuveiro, coloquei um roupão, o chinelo e fui atender.

Quando abri a porta, fiquei paralisada, gelada e não consegui me mover nem dizer nenhuma palavra. Peter estava parado com uma maleta na mão. A porta foi brutalmente empurrada e uma mão forte segurou meu pescoço quase me sufocando. Ouvi Peter dizer:

- Vadia!!!! Não me obedeceu!!!

Soltando meu pescoço deu um tapa tão forte em meu rosto que me desequilibrei e cai no chão já com lágrimas nos olhos. Assustada o olhei com indignação e ele ainda mais irritado, com o pé, forçou meu rosto no chão, que ficou marcado e um pouco inchado com o tapa, mas não tive muito tempo para pensar nisso porque ele me deu uma ordem:

- Prepare um lanche para mim!!!!

Eu ia me revoltar mas achei melhor cumprir sua ordem e tentar coloca-lo para fora de minha casa depois. Levantei-me do chão vagarosamente e fui à cozinha preparar o lanche. Assim que ficou pronto, coloquei-o numa bandeja com um guardanapo e um copo de suco e levei para ele que já estava confortavelmente sentado no sofá vendo TV. Coloquei a bandeja ao lado dele e esperei que ele comesse.

Assim que terminou, afastou a bandeja e se levantou. Veio até mim me pegando pelos cabelos forçando minha cabeça para trás e disse:

- Agora vamos cuidar da vadia!!! Você vai aprender a não me desobedecer mais.

Perguntou onde era o quarto e quando indiquei me

levou até lá me atirando ao chão e ordenando que eu ficasse de joelhos. Sentou-se na cama de frente para mim e disse com uma voz imperiosa:

- Peça desculpas e beije meus pés cadela!!!

Uma raiva tão grande se apoderou de mim que eu gritei um não bem alto. E nessa hora me arrependi porque vi a raiva estampada em seu rosto. Ele levantou-me do chão pelos cabelos, debruçou-me sobre o encosto de uma cadeira e amarrou meus tornozelos e pulsos em cada um dos pés da cadeira. Eu me debatia, chorava e gritava. Foi então que ele me amordaçou, dizendo:

- Quieta vadia!!! Quer chamar a atenção do prédio todo?

Ele se afastou e vi que procurava algo na mala. Se aproximou novamente de mim e vi em sua mão um enorme chicote de couro e tentei desesperadamente me desvencilhar, o que de nada adiantou. As chicotadas me acertaram cortando minha pele logo na primeira. Mas ele incansavelmente continuou sem se importar comigo. Senti uma a uma das chicotadas como se meu corpo estivesse sendo dilacerado. Praticamente desmaiei e acho que foi nesse momento que ele parou.

Quando voltei a mim, estava na mesma posição e ele em pé ao lado me observando. Não sentia meu corpo. Estava todo dormente. Ele se aproximou e passou a mão suavemente na minha bunda. Enfiou os dedos na buceta e me explorou com determinação, demonstrando todo o poder que tinha sobre mim agora. Eu chorava em silêncio. Esperava. Sofria. Mas ao mesmo tempo estava excitada e isso era percebido pelo meu desejo escorrendo na mão dele. Me desamarrou, me levou ao banheiro e me deu um banho.

Eu não reagia, apenas aceitava os cuidados daquele homem tão perverso, que se escondia embaixo de pele de cordeiro. Enquanto isso eu o observava e tentava entender o que estava acontecendo. Quem era ele, porque ele me causava aquela gama de sentimentos: ódio, desejo e medo. O banho acabou, ele me enxugou suavemente, cuidou dos ferimentos, me levou para a cama e delicadamente me deitou sobre ela.

Acomodou-se ao meu lado, me abraçou, deu-me um longo beijo e disse:

- Durma minha menina...

E repousada em seus braços adormeci.

Acordei com o dia amanhecendo. Peter tinha nas mãos uma bandeja com um delicioso café da manhã, e me disse:

- Coma e vá tomar seu banho.

Voltei ao quarto depois do banho envolta na toalha. Ele levantou-se, veio até mim, tirou a toalha jogando-a no chão. Ordenou-me que debruçasse na mesa com as pernas bem abertas e que ficasse relaxada que seria melhor para mim. Sem entender porque, obedeci. Mais uma vez acariciou minha bunda e a abriu. Tentava força a entrada com um dedo, causando-me medo e ao mesmo tempo desejo. Até que num ímpeto enfiou em meu ânus um plug e o acomodou de tal forma que não saísse.

Meu grito ecoou pelo quarto; a dor era insuportável. Eu nunca tinha sido penetrada; chorei e gritei alucinadamente. Mas isso só aumentou o meu sofrimento. Ele então me levantou e disse:

- Coloque soutien, calcinha e um vestido, arrume os cabelos, faça uma maquiagem suave e vá trabalhar. Nunca mais esqueça que é minha propriedade e que estará sob meu comando agora.

Sai correndo para o trabalho, com os pensamentos num turbilhão, o corpo sentindo as dores e o coração alegre e feliz!!!

Autor: Karla {K@}

**Conto participante do
1º Concurso de Contos e Poemas
da BDSM Lovers**

1º Lugar - Júri Público

Safe Metais

Acessórios BDSM



Acesse www.safemetais.loja2.com.br e solicite nosso catálogo

ENVIAMOS PARA TODO O BRASIL



SPOTLIGHT

Nick: ÍsidoJUN

Classificação no BDSM: Switcher

Práticas favoritas: Agulhas, Desumanização, Objetificação, Fisting, Shibari/Bondage, Suspensão, entre muitas outras.

Uma música: "La Vie en Rose" - Grace Jones



Um sonho: Meu DONO e Senhor Jun Zurik

Uma citação: *"Eu gosto do impossível, tenho medo do provável, dou risada do ridículo e choro porque tenho vontade, mas nem sempre tenho motivo."* - Bob Marley

Um livro: "A Menina que Roubava Livros" - Markus Zusak
Well Wishes

